



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Mariana Isabel Sainz Beserra

**Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: revisão de
literatura e oficinas expressivas**

Uberlândia

2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mariana Isabel Sainz Beserra

**Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: revisão de
literatura e oficinas expressivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Renata Fabiana Pegoraro

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B554 2024	Beserra, Mariana Isabel Sainz, 1998- Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: revisão de literatura e oficinas expressivas [recurso eletrônico] / Mariana Isabel Sainz Beserra. - 2024. Orientador: Renata Fabiana Pegoraro . Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.457 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Psicologia. I. , Renata Fabiana Pegoraro, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Psicologia. III. Título. CDU: 159.9
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 461, PPGPSI				
Data:	Cinco de agosto de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12222PSI026				
Nome do Discente:	Mariana Isabel Sainz Beserra				
Título do Trabalho:	Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: revisão de literatura e oficinas expressivas				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O uso de oficinas em pesquisas qualitativas em saúde e educação				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Rosimár Alves Querino - UFTM; Eliane Regina Pereira - PPGPSI/UFU; Renata Fabiana Pegoraro, orientadora da candidata. Ressalta-se que todos os membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Rosimár Alves Querino participou da cidade de Uberaba - MG, as Professoras Doutoras: Eliane Regina Pereira, Renata Fabiana Pegoraro e a discente Mariana Isabel Sainz Beserra, participaram da cidade de Uberlândia - MG, conforme a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Dr.^a Renata Fabiana Pegoraro, apresentou a comissão examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Fabiana Pegoraro**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/08/2024, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Regina Pereira**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/08/2024, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosimár Alves Querino**, **Usuário Externo**, em 05/08/2024, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5534442** e o código CRC **6839F694**.

Mariana Isabel Sainz Beserra

Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: revisão de literatura e oficinas expressivas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Orientador(a): Prof. Dra. Renata Fabiana Pegoraro

Banca Examinadora

Uberlândia, 05 de Agosto de 2024.

Prof. Dra. Renata Fabiana Pegoraro (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Eliane Regina Pereira (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Rosimár Alves Querino (Examinadora)

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba, MG

Prof. Dra. Mariana Hasse (Examinadora Suplente)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA, 2024

Dedicatória

Quero dedicar este trabalho à minha família que, apesar de estar a muitos quilômetros de mim, me deu força para enfrentar as adversidades, me motivou e me apoiou em todos os momentos. Quero dedicar este texto, principalmente, ao meu pai, que me inspira a superar-me a cada dia, que me guiou e inspirou desde pequena na minha vida acadêmica, e ao meu irmão, que é minha razão de viver, meu amigo de alma e confidente, a quem amarei para sempre.

Agradecimentos

Quero agradecer à Universidade Federal de Uberlândia por me ter aceitado e acolhido tão bem desde que cheguei da Bolívia. Graças a isso, aprendi bastante, não só academicamente, mas também me permitiu conhecer-me melhor ao longo desses dois anos.

Assim, quero também destacar à CAPES por essa enriquecedora experiência - e apoio com a bolsa de mestrado; e ao Grupo de Cooperación Internacional de Universidades Brasileñas (G-CUB) e ao Programa de Alianzas para la Educación y Capacitación (PAEC), convocatória OEA/GCUB N° 001-2022, convênio que fez possível tudo isto.

Agradeço ainda à Universidade Federal de Uberlândia e ao Programa de Pós-Graduação (PPG) Stricto Sensu em Psicologia por me receberem. Neste PPG agradeço especialmente à ex-coordenadora Heila Veiga e ao atual coordenador Rodrigo S. Peres e ao apoio imprescindível da secretaria (nas pessoas da Adriana F. de Oliveira, secretária do PPG, e da Eliane Mendonça).

Da mesma forma sou grata à escola que me recebeu para realizar minha pesquisa e às professoras Rosimár Alves Querino e Eliane Pereira, membros da minha banca de qualificação e defesa, que permitiram valorizar ainda mais este trabalho.

Quero agradecer profundamente e principalmente à minha querida orientadora, Renata Pegoraro, que, com muito carinho, me guiou e ajudou nessa trajetória, sempre me familiarizando com os ditados populares desta maravilhosa região.

E por último quero agradecer aos meus colegas e amigos, que se tornaram uma família para mim.

Lista de Tabelas

Tabela 1. Quantitativo de vítimas de violência doméstica e familiar contra a mulher por faixa etária entre 2019 e 2021 no Estado de Minas Gerais (Brasil).	17
--	----

Lista de Quadros

Quadro 1. Caracterização de artigos que retratam pesquisas com adolescentes sobre violência	20
Quadro 2. Caracterização de artigos que retratam intervenções com adolescentes sobre violência	26

Lista de Siglas

ADESPROC LIBERTAD – Asociación de Desarrollo social y Promoción Cultural

AME – Ambulatório Estudantil

B.O. – Boletim de Ocorrência

CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

DTED/MRE - División de Temas Educativos del Ministerio de Relaciones Exteriores de Brasil

GCUB - Grupo de Cooperación Internacional de Universidades Brasileñas

LGBTIQ+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual,

OMS – Organização Mundial Da Saúde

OPS - Organización Panamericana de la Salud

PAEC - Programa de Alianzas para la Educación y Capacitación

SG/OEA - Secretaría General de la Organización de los Estados Americanos

Resumo

A presente dissertação de mestrado busca compreender como adolescentes vivenciam, conceituam e atribuem significado aos relacionamentos afetivos. A partir da análise da produção científica investiga a violência entre parceiros íntimos na adolescência, com o planejamento e desenvolvimento de oficinas expressivas investiga a percepção dos próprios adolescentes sobre seus relacionamentos. Ainda que a violência seja um problema complexo e multifatorial, este estudo concentrou-se em compreender como ocorre entre o público adolescente em seus relacionamentos com parceiros e implicações dessa problemática servindo como contribuição para futuros estudos sobre estratégias eficazes de prevenção e intervenção. O primeiro artigo é uma revisão da literatura que investigou artigos publicados entre 2013 e 2024 abordando a violência entre parceiros íntimos adolescentes no Brasil, acessados a partir das seguintes bases/portais: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES), a The Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), assim como pela plataforma Google Acadêmico. Os descritores selecionados para o rastreamento das publicações foram: "violência", "parceiros íntimos", "adolescência", "mulheres", "Brasil" e "prevenção". Se buscou compreender a magnitude do problema e identificar os fatores envolvidos na problemática. A análise dos sete artigos selecionados permitiu desvelar a magnitude alarmante da violência entre adolescentes, destacando a prevalência de violência física e psicológica em suas relações íntimas. Essa realidade chocante não apenas afeta a saúde e o bem-estar dos adolescentes, mas também tem consequências duradouras em sua formação pessoal e social. Para entender a problemática a partir da possibilidade de interação com adolescentes, foi proposta uma pesquisa de campo da qual originou o segundo artigo, a partir de oficinas expressivas, desenvolvidas em seis encontros, com adolescentes de 13 a 18 anos de idade de uma escola municipal de Uberlândia. Participaram dos encontros entre 04 e 16 adolescentes e o artigo destaca três

categorias de análise: (1) A virtualização dos relacionamentos, (2) Controle sobre as meninas e permissão para os meninos: relação entre os adultos e os adolescentes em início de sua vida afetiva, e (3) Violência nos relacionamentos. As oficinas proporcionaram um ambiente seguro, confidencial e interativo para discutir temas sensíveis. Embora tenham sido enfrentados desafios, como a resistência inicial dos adolescentes e a necessidade de adaptação às suas realidades diversificadas, as oficinas permitiram uma conversa franca e honesta por meio de oficinas e dinâmicas sobre as experiências de violência vivenciadas e relacionamentos íntimos. Além disso, as oficinas permitiram uma compreensão mais profunda das necessidades e desejos dos adolescentes, como ser a crítica a relacionamentos superficiais e pouco duradouros através da tecnologia, percepção e vivências de desigualdade de gênero no núcleo familiar, tudo isso destaca a necessidade e importância de incluir figuras importantes na vida deles, como pais e professores, nas estratégias de prevenção. Embora o tempo foi limitado, este trabalho oferece um avanço na compreensão e prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência. Futuras pesquisas podem beneficiar-se de estudos longitudinais para avaliar os impactos contínuos das intervenções e investigar a inclusão de figuras importantes na vida dos adolescentes.

Palavras-chave: adolescentes, violência, prevenção, parceiros íntimos, oficinas expressivas.

Abstract

The present master's dissertation investigates intimate partner violence among adolescents from an interdisciplinary perspective that combines the analysis of scientific production and the perception of adolescents themselves from a municipal school in Uberlândia through expressive workshops. Although violence is a complex and multifactorial problem, this study focused on understanding how it occurs among adolescents in their relationships and the implications of this issue, serving as a contribution to future studies on effective prevention and intervention strategies. The first article is a literature review that investigated articles published between 2013 and 2024 addressing intimate partner violence among adolescents in Brazil, accessed through the following databases/portals: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), The Scientific Electronic Library Online (SciELO), and the Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), as well as through the Google Scholar platform. The descriptors selected for tracking publications were: "violence," "intimate partners," "adolescence," "women," "Brazil," and "prevention." The goal was to understand the magnitude of the problem and identify the factors involved. The analysis of the seven selected articles revealed the alarming magnitude of violence among adolescents, highlighting the prevalence of physical and psychological violence in their intimate relationships. This shocking reality not only affects the health and well-being of young people but also has lasting consequences on their personal and social development. To understand the issue from the possibility of interaction with adolescents, a field research was proposed, which resulted in the second article, based on expressive workshops conducted in six meetings with adolescents aged 13 to 18 from a municipal school in Uberlândia. Between 4 and 16 adolescents participated in the meetings, and the article highlights three categories of analysis: (1) The virtualization of relationships, (2) Control over girls and permission for boys: the relationship between adults and adolescents at the beginning of their emotional lives, and (3) Violence in relationships. The workshops provided a safe, confidential, and interactive environment to

discuss sensitive topics. Although challenges were faced, such as the initial resistance of adolescents and the need to adapt to their diverse realities, the workshops allowed for frank and honest conversations through workshops and dynamics about experiences of violence and intimate relationships. Furthermore, the workshops provided a deeper understanding of adolescents' needs and desires, such as criticism of superficial and short-lived relationships through technology, perception and experiences of gender inequality in the family nucleus, all highlighting the need and importance of including important figures in their lives, such as parents and teachers, in prevention strategies. Although time was limited, this work offers an advance in the understanding and prevention of intimate partner violence among adolescents. Future research could benefit from longitudinal studies to assess the ongoing impacts of interventions and investigate the inclusion of important figures in adolescents' lives.

Keywords: adolescents, violence, prevention, intimate partners, expressive workshops.

Sumário

Apresentação	14
1.1 Como cheguei até a UFU	15
1.2 O problema de pesquisa, os objetivos do estudo e a pesquisa de campo	19
1.3 A organização da dissertação em formato de artigos	22
Artigo 1: “Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência”	23
Artigo 2: “Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes a partir de oficinas expressivas”	44
Considerações finais	75
Referências	81
Apêndice 1: Roteiros para Entrevista	89
Apêndice 2: Termos de Consentimento/ Assentimento Livre e Esclarecido	91
Apêndice 3: Planejamento das oficinas	98
Apêndice 4: Resumo do planejamento das oficinas	109
Anexo 1: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	114

Apresentação

Sou Mariana Isabel Sainz Beserra, nasci em La Paz – Bolívia, no sopé de uma montanha congelada chamada Illimani em 18 de janeiro de 1998. As lembranças da minha infância são vagas e pouco claras, marcadas por uma perda muito significativa (minha mãe).

Com o tempo a realidade foi mais palpável, fui crescendo com um olhar mais atento e uma mentalidade que, querendo ou não, amadureceu antes do esperado. Fui formada em uma escola católica cheia de imposições ridículas e regras machistas que combinavam perfeitamente com as ideias da minha querida avó, com a qual eu cresci.

Tudo aquilo já causava em mim um desconforto enorme. Eu questionava e tentava compreender por que eu recebia um trato diferente dos meus companheiros de aula e por que meu irmão tinha um trato diferenciado da minha avó, o que me deixava sempre com um sabor de injustiça e desigualdade. Se esperava de mim muitas coisas e se esperava deles tantas outras diferentes...

Passaram os anos e percebi que aquelas ideias se concretizavam em danos, em perdas e vulnerabilidade. Pertencer a um gênero ou outro tinha suas grandes implicações e diferenças, de vida ou morte.

“Mulher é encontrada morta suspeita-se que autor do crime seja ex-marido”, “mulher foi queimada por seu marido aparentemente por ciúmes”, “crime passionai deixa três crianças sem família” E assim todos os dias, que medo, que injustiça...

Como posso mudar estas ideias? Como posso quebrar esses esquemas? Como posso mudar esta situação? A Psicologia era o caminho; com ela poderia chegar as mentes e comportamentos das pessoas e assim fazer uma diferença.

Comecei com muita determinação e em meu último ano de graduação trabalhei com uma associação de direitos civis chamada ADESPROC LIBERTAD GLBT, que promove, no marco da equidade dos direitos humanos, o desenvolvimento das diversidades sexuais e de gênero na sociedade boliviana, através do apoio psicossocial, jurídico, e monitoramento

de casos de vulnerabilidade da população LGBTIQ+. Tive a oportunidade de participar de espaços livres de debate, que falavam sobre a importância e reconhecimento da violência, e mais especificamente fiz parte de um programa de prevenção chamado “CASAS SAUDÁVEIS”, onde junto com a psicóloga da instituição foram realizados encontros uma vez por semana durante dois meses. Os tópicos abarcavam tipos de violência, reconhecendo nosso tipo de apego, autoconhecimento, estratégias para resolução de conflitos e regulação emocional e foi assim que vi na prática os impactos positivos de intervenções grupais.

É por isso que o tema da minha pesquisa envolve a questão de relacionamentos e violência a partir de uma revisão de literatura e de oficinas desenvolvidas com adolescentes.

1.1 Como cheguei até a UFU e ao tema de pesquisa

Depois daquela experiência com grupos, compreendi a importância do conhecimento para que as pessoas possam defender suas vidas com dignidade frente a atos violentos e decidi aprofundar meus saberes e minhas experiências sobre a temática. Procurei, assim, programas de educação internacionais, e o Brasil sempre foi meu objetivo. Decidi solicitar a bolsa de estudos do Programa Becas Brasil, parceria entre o Grupo de Cooperación Internacional de Universidades Brasileñas (GCUB) e a Secretaría General de la Organización de los Estados Americanos (SG/OEA), com o apoio da División de Temas Educativos del Ministerio de Relaciones Exteriores de Brasil (DTED/MRE) y de la Organización Panamericana de la Salud (OPS/OMS), no Programa de Alianzas para la Educación y Capacitación (PAEC) - convocatória OEA/GCUB N° 001-2022. Escrevi uma proposta que me ajudaria a combater de forma positiva uma triste realidade, a violência que sofrem as mulheres dia a dia.

Cheguei ao Brasil em setembro de 2022 e as aulas do mestrado já tinham começado. Depois de resolver questões práticas sobre documentos e moradia, voltei-me para o debate de meu projeto com a orientadora.

Num primeiro momento, para conhecer a situação das mulheres vítimas violência,

fui com uma outra mestranda à “Casa da Mulher”, uma unidade pública municipal que atende, orienta e encaminha as mulheres vítimas de violência e funciona em conjunto com a Delegacia da Mulher. Esta visita tinha a intenção de entender a viabilidade de analisar os boletins de ocorrência de mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo, incluindo adolescentes caso existissem, registrados na Delegacia para compreender os fatores que envolviam o ocorrido. Ainda que tenha sido possível obter a carta de anuência de co-participante da delegacia para a submissão de um projeto de pesquisa a Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos para analisar os boletins, não foi possível aprovar o projeto no CEP devido à legislações que cuidam da privacidade da identidade das pessoas envolvidas. O CEP orientou que cada mulher que registrou B.O. deveria autorizar o acesso a seu boletim, o que inviabilizaria a pesquisa, pois o contato telefônico dessas mulheres não poderia ser informado pela Delegacia de Mulheres.

Foi assim que decidimos explorar a temática dos relacionamentos íntimos entre adolescentes a partir de uma escola pública Municipal de Uberlândia por meio de oficinas. Na escola teria acesso ao público que, pela faixa etária, teria contato com o fenômeno da violência no começo da vida afetiva, em especial de mulheres adolescentes, onde recai meu especial interesse científico.

Esse ambiente escolar proporciona oportunidades valiosas para o adolescente interagir com seus pares, essa troca de experiências contribui de forma substancial para o desenvolvimento holístico dele, enriquecendo sua compreensão do mundo e preparando-a para enfrentar os desafios e oportunidades. Ao explorar ativamente o espaço escolar, o adolescente amplia e desenvolve suas habilidades sociais, emocionais e cognitivas, construindo relações interpessoais sólidas, adquirindo conhecimento e desenvolvendo uma maior consciência de si mesma e dos outros. Assim, a escola se torna não apenas um local de instrução, mas um ambiente dinâmico e enriquecedor que complementa e amplia as experiências, promovendo um crescimento integral e uma preparação mais eficaz para a vida

além dos muros escolares. (Winnicott, 2021).

1.1.1 Algumas palavras sobre as adolescências

Leal (2010) aponta para a necessidade de, para se compreender o desenvolvimento psicológico na adolescência, analisar os interesses dos adolescentes, suas atrações, aspirações, as quais se enraizam na personalidade. Antigos interesses desaparecem, dando lugar a novos, e para assimilar o novo conteúdo, é necessário internalizar o que anteriormente estava externo, como convicções, interesses, visão de mundo, normas éticas, regras de conduta, ideais e esquemas de pensamento partilhados socialmente. Os novos estímulos que surgem impulsionam o desenvolvimento e os processos mentais.

O desenvolvimento é, portanto, um processo contínuo de automovimento, caracterizado pela permanente aparição e formação do novo, em um processo dialético. Porém existe uma rotura e extinção dos velhos interesses para os novos, que podem contemplar novas atrações e necessidades, o que pode gerar uma sensação de desequilíbrio ou vazio. Pode surgir irritabilidade, excitabilidade, mudanças bruscas de humor, durante a transição. É essencial considerar que, no início da adolescência, as ideias que têm origem no contexto social transitam para o âmbito pessoal, constituindo um acervo interno inseparável da personalidade. De acordo com Vygotsky (1996 citado por Rezende et. al, 2014), não se deve confiar apenas na natureza para guiar o desenvolvimento dos interesses dos adolescentes; esses interesses podem e devem ser moldados, direcionados e trocados entre esferas diferentes, sendo incumbência dos adultos educar e cultivar novos interesses. Esse papel desempenhado pelos adultos em relação aos adolescentes é crucial.

Embora os interesses pessoais do adolescente devam ser o ponto de partida, eles necessitam de complementação, enriquecimento e orientação em direção aos interesses sociais. Isso envolve incorporá-los às atividades do cotidiano. Dessa forma, é imperativo compreender como se dá a interação com o ambiente, com as pessoas ao seu redor, e quais serão os reflexos dessas relações em seu desenvolvimento. Essas interações constituem o

ponto de partida para as mudanças, as quais definirão as formas e a trajetória para a aquisição de novas características da personalidade. Assim, a realidade social emerge como a fonte verdadeira do desenvolvimento.

Na adolescência, o jovem toma consciência de si mesmo como alguém que possui "o direito ao respeito, independência e confiança"(Dragunova, 1985, p. 171), de maneira similar ao que ocorre com os adultos. Essa percepção determina uma mudança em sua atitude em relação ao meio circundante. Conforme enfatizado por Dragunova (1985), nesse período, o adolescente assimila de forma intensa valores, normas e formas de conduta do mundo adulto. Esses elementos se tornam o novo conteúdo da consciência do jovem, transformando-se em exigências para a sua conduta e para a conduta dos outros, ao mesmo tempo em que se estabelecem como critério para avaliação e autovalorização. Na busca por autoafirmação, o adolescente defende de maneira firme seu direito à autonomia, expressando suas opiniões de forma contundente, às vezes adotando pontos de vista extremos. Ele busca incansavelmente compreender a si mesmo, mas alcança verdadeira estabilidade quando se envolve em atividades práticas. Nesse processo, é crucial considerar as relações com outros adolescentes, seus pares e companheiros de jornada.

Segundo Elkonin (1987), o estabelecimento de relações pessoais íntimas entre os adolescentes é centrado na atividade de comunicação. O cerne dessa atividade é enxergar o outro adolescente como um indivíduo dotado de qualidades pessoais específicas, e as relações são fundamentadas no respeito, na confiança e na partilha de uma comunidade de vida interior. Tais relações desempenham um papel crucial na formação da personalidade do adolescente, sendo guiadas por normas morais e éticas que moldam suas ações.

Davidov (1988) afirma que essa comunicação se constitui em forma peculiar de ação dos adolescentes no coletivo, dirigindo-se à autoafirmação, realizando no coletivo as normas que regem as relações entre os adultos. Surge, nesse período, um sentimento de maturidade como forma da consciência se manifestar, permitindo aos adolescentes a

comparação e identificação com os adultos e companheiros, encontrando modelos para a imitação e construção de suas relações com as pessoas.

A maior participação na atividade social é um acontecimento decisivo na vida do adolescente. Os anos da adolescência são anos de formação da concepção do mundo político-social, sobre a vida, a sociedade, as pessoas, e momento em que nascem simpatias e antipatias sociais. Os problemas que a vida lhe apresenta e sua incorporação ativa à vida exigem o desenvolvimento das formas superiores do pensamento. (Vygotsky, 1996 citado por Rezende et al., 2014)

Outro fator a ser considerado é a possibilidade de conhecer a própria realidade interna, devido à formação de conceitos, que permite ao adolescente adentrar no mundo das suas vivências, desenvolvendo a autopercepção, a auto-observação. É só então que o adolescente pode entender realmente a si mesmo, compreender seu mundo interior, avançando pelo caminho da autocompreensão, do desenvolvimento e estruturação da consciência. Junto com a autoconsciência, que não é inerente à consciência, formam-se a liberdade e a intenção. O pensamento em conceitos permite compreender a realidade, aos demais e a si mesmo, configurando revolução no pensamento e na consciência, apresentando-se como um aspecto novo que diferencia o pensamento do adolescente do de uma criança.

1.2 O problema de pesquisa, os objetivos do estudo e a pesquisa de campo

Partindo da compreensão acima sobre adolescentes, e da negativa do CEP-UFU para efetuar a pesquisa com boletins de ocorrência na Delegacia da Mulher, escrevi novo projeto de pesquisa e apresentei à Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia e ao Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (CEMEPE) do município. Uma vez que o projeto foi avaliado pelas psicólogas do CEMEPE, esse núcleo sugeriu o nome de uma escola municipal, a qual foi procurada pela mestrandia com cópia do projeto. A direção da escola concordou com a submissão do projeto ao Comitê de Ética, assinando os documentos

necessários para tal, em conjunto com o CEMEPE. Após análise pelo CEP, foi aprovado com o número CAAE: 67967323.4.0000.5152 e título “Análise e elaboração de um programa de intervenção para a promoção de relacionamentos saudáveis em adolescentes”. (ver Anexo 1)

Partindo deste projeto aprovado pelo CEP e da necessidade de apresentar dois artigos para compor a dissertação, foram estabelecidos os seguintes objetivos para a mesma:

- **Objetivo geral:** compreender como os adolescentes vivenciam, conceituam e atribuem significado aos relacionamentos afetivos.
- **Objetivos específicos:**
 - (1) Elaborar uma revisão de literatura sobre a temática da prevenção da violência entre adolescentes em relacionamentos íntimos para conhecer o fenômeno no contexto atual brasileiro e ações desenvolvidas;
 - (2) Analisar as percepções e significados que os adolescentes têm sobre relações afetivas e seus conhecimentos em relação à violência.
 - (3) Desenvolver oficinas junto aos adolescentes que permitam discutir sobre seus relacionamentos afetivos.

Enquanto o projeto encontrava-se em análise pelo CEP, escrevi o primeiro artigo que apresento nesta dissertação, em formato de revisão narrativa de literatura. No momento da defesa desta dissertação, este primeiro artigo se encontrava publicado pelo periódico Eureka.

Após a aprovação do projeto pelo CEP, teve início a etapa de campo da pesquisa, de tipo intervenção, e amparada em perspectiva qualitativa, a qual trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Definimos como uma pesquisa-intervenção tendo em vista a construção de oficinas para participação dos adolescentes. A partir da Epistemologia Qualitativa proposta por Gonzalez Rey, como colocado por Rossato e Martinez (2018, p. 67), a pesquisadora entende que não há neutralidade possível, pelo

contrário, é preciso “ser sujeito, dialogando, construindo, interpretando e confrontando informações, pois depende de seu poder criativo e imaginativo para explicar o fenômeno por meio de construções oriundas da articulação entre sua base teórica e as informações, no processo da pesquisa”. Partindo desta compreensão, fiz uso das sugestões de Priotto (2009) para o planejamento e desenvolvimento de oficinas com os adolescentes. Tais ideias são exploradas no artigo 2.

Foi entregue uma cópia do parecer de aprovação da pesquisa pelo CEP ao CEMEPE e à direção da escola no mês de março 2023 e, em seguida, as entrevistas individuais foram agendadas. Esta primeira etapa da pesquisa de campo tinha como intenção conhecer o funcionamento da escola e seu público, dado ser uma realidade diferente da conhecida pela mestrandia em seu país, bem como avaliar se haveria alguma dificuldade com o idioma português. Além disso, pretendia identificar a ocorrência ou não de situações de violência na escola. Após entrevista com o diretor, solicitou-se que ele recomendasse dois professores próximos aos estudantes que pudessem ser convidados para entrevistasse e da mesma forma estudantes foram recomendados por esses professores. Os roteiros de entrevista utilizados estão no Apêndice 1.

Após transcrição das entrevistas e debate com a orientadora, foi acordado implementar as oficinas. Estive na escola discutindo sobre o espaço físico e o horário, ficou combinado que as oficinas se desenvolvessem no horário da tarde, fora de horário de aula, cada encontro com duração de uma hora e meia, começando 13:30 e encerrando às 15:00 horas durante seis quintas feiras (início em 15/09/23) em uma sala reservada da própria escola.

O planejamento das oficinas foi feito a partir das leituras que compuseram o primeiro artigo desta dissertação, e com apoio de leituras sobre oficinas com adolescentes (Priotto, 2009) e metodologias participativas (Silva, 2002). No segundo artigo apresento uma análise do material produzido em três dos seis encontros com os adolescentes. Nos Apêndices 3 e 4 estão o planejamento das oficinas.

A Oficina 1, “Boas-vindas” foi planejada inicialmente com uma dinâmica quebra-gelo inspirada nas dinâmicas de (Priotto,2009), de forma a permitir apresentação da pesquisadora e dos adolescentes, perguntando para eles “Quem é você?” com o objetivo de identificar a percepção própria da identidade dos adolescentes. Depois da apresentação se expôs o trabalho que seria feito nas oficinas como proposta inicial, assim como a autora (Priotto, 2009) recomenda identificar os objetivos e posteriormente perguntar as temáticas que eles queriam abordar além da proposta assim como suas expectativas. Sem seguida, foram apresentados o tempo dos encontros, os dias, os horários, as atividades assim como as regras de convivência e valores com os quais nós iríamos trabalhar. (Silvia, 2002)

Finalmente também fiz uma dinâmica inspirada em Silva (2002) que é basicamente expor um estudo de caso para gerar debate sobre dilemas morais e análise conflitos. Para isso a autora recomenda expor um estudo de caso por meio de histórias próximas às vidas dos participantes, como o objetivo de estimular as várias possibilidades de tomada de decisões e discutir posições que podem ser adotadas pelas personagens, para isso teve a ideia de expor os filmes da Disney como um recurso no qual se apresentaria diversos estudos de caso para poder debater justamente essas dinâmicas de romance, namoro e relacionamentos afetivos.

Na Oficina 2,” Eleição de parceiro íntimo através do tempo”, busquei conhecer o significado da palavra “flerte” e entender como ocorre no cotidiano dos adolescentes, optando por fazer uma tempestade de ideias (Priotto,2009), isto é, atividade na qual os participantes compartilham palavras relacionadas ao conceito da palavra “flerte”. Posteriormente também apresentei um estudo de caso (Silva, 2002) como o objetivo de estimular o debate sobre como eles realizam esse processo de conhecer, flertar na atualidade, e para isso expus a história da minha própria avó para que eles pudessem comparar dinâmicas antigas e atuais de namoro.

Depois de algumas perguntas disparadoras para o debate, pedi que fizessem um role play, dinâmica utilizada para que os participantes representarem outro papel (Silva, 2002). Solicitei que eles assumissem o papel de avós contando aos próprios netos sobre como eles conheceram seu

parceiro, tudo isto inspirado na história inicial. Eles escreveram e compartilharam essas narrações.

A terceira oficina, “Autoconhecimento”, também contou com uma tempestade de ideias (Priotto, 2009) com o objetivo de construir a definição de “namoro”. A tarefa consistia em construir coletivamente, com as palavras expostas pelos participantes, uma definição. Depois se realizou uma exposição dialogada que segundo Silva (2002) é a exposição de um conteúdo da forma tradicional. Expus os componentes da Teoria do Amor segundo Sternberg (1989, como citado por Mônego & Teodoro, 2011) que contempla “Intimidade”, “Compromisso” e “Paixão” para logo pedir aos participantes pensarem e discutirem a relação destes componentes dentro das redes sociais, tema que saiu de forma destacada na oficina 2.

A oficina 4 foi pensada para discutir os ditados populares que legitimam a violência de gênero através de mitos e crenças do senso comum. Para isto perguntei à minha orientadora quais seriam esses ditados no contexto brasileiro, assim também procurei na internet expus alguns deles aos participantes e começamos a debater sobre eles, o que eles pensavam, se o praticavam e que quanto correspondiam à realidade. A esta proposta a autora Silva (2002) chama de “Debate de ideias”, uma estratégia de sensibilização e conscientização de ideias, crenças e valores, onde se procuram temas polêmicos e de interesse para os participantes se manifestarem.

Na mesma linha se expus também 14 direitos assertivos segundo Gaeta González e Galvanovskis Kasparane (2009) com o objetivo de compartilhar as experiências dos participantes sobre como são vivenciados ou não esses direitos.

A oficina 5, “Construindo definições de violência”, utilizou-se a tempestade de ideias. A partir das palavras expostas se construiu uma definição para posteriormente compará-la com a definição apresentada pela lei Maria da Penha. Da mesma forma na revisão de literatura viu-se que a violência psicológica é a mais praticada e a mais difícil de detectar entre os adolescentes pelo que se fez um estudo de caso (Silva, 2002) e criei uma conversa de WhatsApp, que simulava uma conversa entre um casal discutindo. Ineri nesse diálogo manifestações de violência psicológica como manipulação, ameaça e humilhação. Posteriormente os adolescentes discutiram essa

conversa, com a tarefa de detectar as violências psicológicas presentes.

Da mesma forma se realizou um debate de ideias (Silva, 2002) com o objetivo de identificar as violências e suas manifestações por gênero. Para tal, perguntei aos participantes os tipos de manifestações de violências que se dão segundo o gênero para posteriormente discutir as diferenças e a natureza dessas manifestações tanto no masculino como no feminino, contemplando as diferentes violências como a violência psicológica sexual e física. Posteriormente discutiu-se também esses estereótipos de gênero que justificariam a violência tanto no feminino quanto no masculino.

A última oficina, “Encerramento”, foi proposta para discutir a experiência. Planejei uma série de perguntas: “Como foi sua experiência durante as oficinas? Como se sentiram durante as oficinas? Consideraram que aprenderam alguma coisa nova durante os encontros? o que? Vocês têm alguma sugestão? Participaria novamente?” Pedi, ainda, que os participantes escrevessem uma carta para outra pessoa comentando como foi participar das oficinas e se recomendariam ou não sua participação, caso a proposta fosse novamente oferecida.

Para a análise dos conteúdos trazidos pelos adolescentes utilizou-se como inspiração a análise temática já que esse método permite o reconhecimento e organização de padrões de conteúdo e significado dos dados qualitativos. Fereday e Muir-Cochrane (2016) explicam que a análise temática envolve a identificação de temas que emergem como significativos para a descrição do fenômeno investigado. Esse processo permite o reconhecimento de padrões nos dados coletados. A análise temática requer uma abordagem sistemática dos dados qualitativos, onde é possível identificar elementos comuns de significado, agrupá-los em categorias e, posteriormente, organizá-los em temas mais amplos e complexos.

Os temas abordados foram abertamente manifestados e recorrentes pelos adolescentes e permitiu identificar e explorar os significados que eles atribuem aos relacionamentos afetivos e à violência.

1.3 A organização da dissertação em formato de artigos

Optando pela possibilidade de construir a dissertação em formato de artigos, o texto aqui apresentado é composto por dois produtos do mestrado. Inicialmente um artigo teórico sobre a importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência, desenvolvido a partir de revisão de literatura que recebeu o título “*Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência*”. Destaco que este artigo foi aceito e encontra-se publicado em periódico Eureka - Revista de Psicologia no ano de 2024. Em seguida, um segundo artigo que discute a experiência de relacionamentos afetivos desenvolvido a partir das oficinas propostas aos adolescentes sobre seus relacionamentos íntimos cujo título é “*Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes a partir de oficinas expressivas*”. Por fim, destacamos as Considerações Finais da dissertação.

Artigo 1: “Importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência”

Importancia de la prevención de violencia entre parejas adolescentes

Resumen

Este artículo presenta una revisión de la literatura sobre producción científica relacionada con investigaciones y programas dirigidos a la prevención de la violencia de pareja entre adolescentes. Por lo que se inició una búsqueda en las bases de datos y portales académicos Google, Scielo y Periódicos CAPES con las palabras claves combinadas: violencia, mujer, adolescente, pareja. Se mapearon estudios empíricos e intervenciones dirigidas a adolescentes, que evidenciaron altos índices de violencia física y psicológica en mujeres y adolescentes por parte de sus compañeros íntimos, apareciendo más incidencia la violencia psicológica en las relaciones afectivas de los adolescentes. Los actos agresivos son interpretados y aceptados como una muestra de afecto, de igual forma es importante considerar trabajar con perspectiva de género para una intervención más significativa. Hubo una baja producción de estudios e intervenciones que aborden la prevención de la violencia de pareja en la adolescencia. Por lo tanto, se recomienda desarrollar e implementar intervenciones adecuadas a la realidad de los adolescentes para reducir la incidencia de la violencia contra la mujer.

Palabras clave: prevención, violencia, parejas, adolescentes, mujeres.

The the importance of working on prevention among intimate partners in adolescence

Abstract

This article presents a review of the literature on scientific production related to research and programs aimed at the prevention of intimate partner violence among adolescents. Therefore, a search was started in the databases and academic portals Google, Scielo and CAPES Newspapers with the combined keywords: violence, woman, adolescent, couple. Empirical studies and interventions aimed at adolescents were mapped, which showed high rates of physical and psychological violence in women and adolescents by their intimate partners, with psychological violence appearing more in the affective relationships of adolescents. Aggressive acts are interpreted and accepted as a sign of affection, in the same way it is important to consider working with a gender perspective for a more significant intervention. There was a low production of studies and interventions that address the prevention of intimate partner violence in adolescence. Therefore, it is recommended to develop and implement interventions appropriate to the reality of adolescents to reduce the incidence of violence against women.

Keywords: prevention, violence, couples, adolescentes, women.

É preocupante como os índices de violência a mulher têm crescido nos últimos anos, tornando-se um fenômeno com consequências devastadoras na saúde coletiva. Segundo um estudo da Organização Mundial da Saúde ([OMS], 2021) em parceria com outras instituições, uma de cada três mulheres é vítima de violência sexual e física, em especial, por parte do seu parceiro, e os registros apontam esse problema ocorre a partir da faixa etária de 15- 24 anos de idade, quando uma em cada quatro mulheres jovens já sofreu violência de seu parceiro íntimo. (OMS, 2021)

No Brasil, as informações registradas nos boletins de ocorrência de violência e feminicídio de mulheres e destacadas pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que o autor principal das mortes das vítimas foi o parceiro ou ex-parceiro em 81,75% dos casos registrados. (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022)

Como forma de enfrentamento de violência no Brasil, a Lei Maria da Penha (2006) tem reconhecida sua importância na área de violência doméstica, e é apontada pelo Fundo do Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), em um conjunto de 90 países como uma das mais avançadas] (Jusbrasil, 2010). Essa lei cria mecanismos com objetivo de prevenir, punir e erradicar todas as formas de violência contra a mulher, como as delegacias da mulher (juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher) e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

As formas da violência também especificadas pela referida lei em seu artigo 7 são: (a) a violência física, que envolve a integridade física ou corporal da mulher; (b) a violência psicológica, que engloba condutas que prejudiquem emocionalmente a mulher, ou cause prejuízos em sua autoestima, ou ainda pretenda o controle de seu comportamento ou crenças. Tal violência pode se manifestar sob forma de ameaças, constrangimentos, isolamentos, ridicularização da mulher, bem como chantagem ou exploração; (c) a violência sexual, que envolve condutas que levem a mulher ao constrangimento, ou manter/participar de relações

sexuais sem o seu consentimento, podendo ser ameaçada, coagida ou forçada, bem como ser impedida de usar métodos anticoncepcionais ou ser forçada a engravidar, abortar ou se prostituir; (d) por fim, a violência moral, sob a forma de calúnias, difamação ou injúria contra a mulher.

No ano de 2011, a análise do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes do Ministério da Saúde no Brasil efetuada por Garcia et. al (2016) já apontava que as mulheres brasileiras eram as principais vítimas de violência, um total de 16.256 mulheres fizeram a denúncia, 31,4% delas eram menores de 18 anos, 97,4% sofreram violência física, e os autores das agressões eram predominantemente os companheiros ou ex-companheiros (51,5% dos casos).

A reportagem de Rocha (2022) mostra que, no Brasil, antes da pandemia de Covid-19, 27% das mulheres entre 15 e 49 anos, que tiveram um relacionamento já vivenciaram situações de violência tanto física como sexual por parte do seu parceiro. Durante a pandemia a situação só se agravou, sendo que também os dados apontam que a incidência de violência é alta em meninas e jovens de 15 a 19 anos, e estima-se que uma em cada quatro sofreu violência nas mãos dos seus parceiros íntimos. A pandemia da Covid-19, no Brasil, iniciou-se no mês de março de 2020 e a Organização Mundial da Saúde informou que os casos de violência doméstica nesse período duplicaram. Além disso, paralelamente, as notificações de denúncia por parte das vítimas diminuíram devido à dificuldade para acessar os canais e pedir ajuda. (Goto et al., 2022)

Um relatório estatístico publicado pela Secretaria de Estado de Justiça em 2021 (Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, 2021) mostra a faixa etária das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar registradas nos 1º e 2º semestres de 2019 e de 2020 e 1º semestre de 2021 no Estado de Minas Gerais, um dos mais populosos do Brasil (Tabela 1). No primeiro semestre de 2019 cerca de 6% (N=4515) de todas as mulheres vítimas de violência eram adolescentes na faixa de 12-17 anos, enquanto no primeiro semestre de 2021 o número de adolescentes vítimas de violência ficou em 5% do total (N=3583). Nota-se que em aproximadamente 34% (trinta e

quatro por cento) dos casos são apontados como autores desse tipo de violência cônjuges/companheiros e, em aproximadamente 33% (trinta e três) são ex-cônjuges/ex-companheiros.

Tabela 1. Quantitativo de vítimas de violência doméstica e familiar contra a mulher por faixa etária entre 2019 e 2021 no Estado de Minas Gerais (Brasil).

Idade (anos)	1º sem 2019	2º sem 2019	Total 2019	1º sem 2020	2º sem 2020	Total 2020	1º sem 2021
0-11	1.986	1.991	3.977	1.602	1.806	3.408	1714
12-17	4.515	4.437	8.952	3.708	4.029	7.737	3.583
18- 24	13.110	13.560	26.670	12.060	13.049	25.109	11.915
25-34	20.412	20.493	40.905	19.412	20.886	40.298	19.428
35-44	18.405	18.700	37.105	17.073	18.512	35.585	17.203
45-55	8.936	8.823	17.759	8.645	9.123	17.768	8.679
55 ou +	7.680	7.471	15.151	7.392	7.850	15.242	7.886
Total	75.044	75.475	150.519	69.892	75.255	145.147	70.408

Fonte: Adaptado de Polícia Civil do Estado de Minas Gerais (2021, p. 51)

Considerando os dados estatísticos e a contínua reincidência, um relatório com a análise do perfil de vítimas de violência doméstica no município de Uberlândia, no Estado de Minas Gerais (Brasil), disponibilizado no portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia (2021), município do Estado de Minas Gerais com cerca de 750 mil habitantes, apontou que 84% das mulheres não estavam sofrendo violência pela primeira vez. Os dados foram coletados entre 2017 e janeiro de 2022 pelo aplicativo “Salve Maria”, que registra denúncias sobre violência contra mulher e é ligado à “Casa da Mulher”, equipamento anexo à Delegacia da Mulher (que orienta e encaminha mulheres vítimas de violência para a rede socioassistencial e da Secretaria Municipal de Saúde).

A prevalência de violência por parceiro íntimo é alta entre meninas adolescentes e mulheres jovens de 15 a 19 e de 20 a 24 anos, sendo de 16%, ou seja, uma em cada seis são vítimas de violência por seu parceiro. A pesquisadora Lynnmarie Sardinha da OMS citada na reportagem de Rocha (2022) ressalta a importância da experiência de construção de relacionamentos saudáveis desde a adolescência, em especial pelo impacto que a violência pode ter na saúde das mulheres a longo prazo. Além do alerta, a pesquisadora defende a urgência de implementação de intervenções comunitárias, com caráter preventivo, em especial envolvendo escolas, dado seu caráter de espaço de interação onde são possíveis os primeiros encontros amorosos entre adolescentes.

Neste sentido, é fundamental o envolvimento de instituições públicas, acadêmicas e organizações da sociedade civil na construção e implementação de políticas públicas, programas, projetos e ações de prevenção que busquem enfrentar as causas e interferir nos fatores que estimulem e favorecem a ocorrência do fenômeno da violência, o que justifica a proposta deste artigo.

Relevância do estudo sobre violência na perspectiva de adolescentes

Os estudos sobre violência de gênero em adolescentes são recentes, apesar disso nos últimos é uma problemática que está ganhando importância. No ano de 2010, o Ministério da Saúde do Brasil (2010) registrou que as agressões foram a principal causa de morte de pessoas entre 15 e 19 anos, representando 58,7% do total de óbitos, e na faixa etária de 10 a 14 anos, foi a segunda causa de morte (22,4%). Uma análise de dados de todas as regiões do Brasil apontou que jovens de 15 a 19 anos sofreram mais agressões do que aqueles de 10 a 14 anos, o que indica maior vulnerabilidade do primeiro grupo.

Segundo Lliebre (2003) em um estudo com adolescentes identificou-se que 80% das meninas e 75% dos meninos não relacionavam falta de amor ao abuso. Isso permite refletir sobre o risco de normalização de agressões em relacionamentos amorosos sob a ótica adolescente,

podendo levar à compreensão de que a agressão é aceitável como forma de solução de conflitos amorosos. De acordo com Ozella (2003), a adolescência é um momento de grande importância já que esta etapa permite e dá lugar ao contato com o outro ser social, conformando-se assim grupos de identificação e relacionamentos marcados pelo contexto sociocultural que influenciam na subjetividade do adolescente. Torna-se, portanto, relevante o enfoque da identificação da violência entre parceiros íntimos na trajetória de vida de adolescente para poder contribuir na construção de relacionamentos saudáveis livres de agressões físicas e psicológicas.

Considerando os índices de violência contra mulher no Brasil e a importância do contexto sociocultural para o desenvolvimento dos adolescentes, consideramos que atos violentos podem vir a ser compreendidos como uma conduta natural em relacionamentos íntimos dada sua ocorrência e perpetuações em ambientes caso não exista espaço para questionamentos e ações de cunho preventivo.

Ante esta realidade é de vital importância analisar, estudar e elaborar intervenções eficazes, em espaços educativos, comunitários para que adolescentes possam desenvolver habilidades e hábitos saudáveis livres de agressões psicológicas, físicas e sexuais dentro do núcleo familiar, escolar ou nos primeiros encontros amorosos. A partir do que foi anteriormente exposto, estabeleceu-se como objetivo deste artigo conhecer a ocorrência de violência entre adolescentes por parte de seus parceiros íntimos e identificar intervenções de prevenção à violência implementadas no Brasil dirigidas a esse público.

Método

A partir da pergunta orientadora “qual a ocorrência de violência entre adolescentes por parte de seus parceiros íntimos e intervenções de prevenção à violência tem sido implementada no Brasil?”, efetuamos uma busca na literatura para mapear publicações sobre violência entre adolescentes.

Trata-se de uma revisão de literatura, definida como processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos. (UNESP, 2015). Nesta pesquisa, optamos pela revisão de artigos científicos disponíveis on-line em periódicos indexados.

A revisão de literatura objetivou a análise de artigos publicados abordando a violência entre parceiros íntimos adolescentes no Brasil entre 2013 e 2024 utilizando como recorte temporal os últimos 10 anos de produção científica os critérios de inclusão foram artigos revisados por pares publicados entre 2013 e 2024, pesquisas empíricas tanto qualitativas como quantitativas com amostras brasileiras, relatórios relacionados à registro de violências com faixa etária, e arquivos integralmente acessíveis. Os critérios de exclusão foram artigos publicados fora do período estipulado, a mostra estrangeira e arquivos sem acesso integral. Os artigos foram acessados tanto pelo Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES), a The Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), assim como pelas plataformas Google Acadêmico. Os descritores selecionados para o rastreamento das publicações foram: “violência”, “parceiros íntimos”, “adolescência”, “mulheres” “Brasil” e “incidência”. A última busca dos artigos foi em agosto de 2024 realizada pela pesquisadora.

Os artigos foram selecionados na primeira quinzena de dezembro de 2022 a partir do

título, em seguida os artigos foram lidos na íntegra, sendo excluídos aqueles que não respondiam à pergunta orientadora. Restaram para análise sete artigos que foram divididos a partir das temáticas principais, a saber: (i) pesquisas empíricas e de revisão sobre violência desenvolvidas com adolescentes e (ii) programas de prevenção de violência em adolescentes.

Resultados e discussão

(a) Resultados das pesquisas empíricas e de revisão sobre violência desenvolvidas com adolescentes

Os resultados dos artigos que retrataram pesquisas sobre a temática (Quadro 1) evidenciaram a prevalência de violência e seus altos índices na população adolescente, sendo o contexto sociocultural um dos fatores de risco mais significativos na naturalização da violência e os mandatos em relação aos papéis de gênero.

Quadro 1. Caracterização de artigos que retrataram pesquisas com adolescentes sobre violência

Autor (Ano)	Objetivo do artigo	Tipo de estudo
Brancaglioni e Fonseca (2016)	Analisar a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva de gênero e geração.	Pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória
Oliveira et al. (2016)	Analisar a produção científica sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes no campo da saúde, considerando as categorias de gênero e geração.	Revisão integrativa de 30 artigos nas bases LILACS, PubMed/MEDLINE e SciELO.

Teixeira e Taquette (2010)	Identificar fatores associados à atividade sexual desprotegida em adolescentes femininas menores de 15 anos.	Estudo observacional de corte transversal
Barreira et al. (2014)	Estudar a violência física e psicológica entre namorados adolescentes com relação aos perfis de direcionalidade - apenas o homem perpetra, apenas a mulher perpetra, e bidirecional, ou seja, ambos perpetram violência.	Análise descritiva, estudo comparativo.
Cecchetto et al. (2016)	Apresentar as visões de adolescentes do sexo masculino sobre o tema da violência no namoro.	Entrevistas e grupos focais em dez cidades brasileiras (2007 a 2009)

Fonte: Elaboração própria (2023)

Assim em uma das pesquisas pode-se notar que o aumento do número de eventos de violência psicológica perpetrada pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos está relacionado à mais elevada agressão verbal da mãe e do pai; à mais frequente vivência de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e àquele presente nos namoros anteriores. Esses resultados reforçam a noção de circularidade da violência psicológica nos diversos contextos de socialização do adolescente e destacam a continuidade do comportamento agressivo em outras relações de namoro, entre irmãos, na família e amigos. (Oliveira, Q. et al., 2014)

No estudo realizado por Brancaglioni e Fonseca (2016) com 111 adolescentes (de 15 a

19 anos) constatou-se que 91% dos participantes perpetraram e 90,1% sofreram, no mínimo, uma das naturezas de violência. A violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma forma de violência de gênero, e as construções de gênero determinaram as agressões sofridas e perpetradas, possivelmente determinando também a naturalização e legitimação de tais agressões. O estudo também discute que a desigualdade de poder entre as gerações pode determinar maior vulnerabilidade dos mais jovens ao fenômeno.

Assim também o estudo realizado por Schoenmaker et al. (2016) com 27 adolescentes registrados no jogo “Papo Reto” revela que as falas de alguns participantes do sexo feminino apontaram uma relação desigual de poder no que se refere aos direitos e preferências de cada um dos pares. Observou-se que o fato de estar em um relacionamento permite aceitação de comportamentos dominantes, sobretudo de caráter sexual, compreendidos como próprios de uma relação afetiva, a fim de agradar o outro. Igualmente em alguns casos, os participantes masculinos referiram o comportamento feminino como desencadeador de situações violentas nos relacionamentos afetivo-sexuais. Supostas características sedutoras e provocantes das mulheres adolescentes costumam justificar as situações de violência por parceiro íntimo. Desta maneira, as meninas são culpabilizadas pelas situações de violência, tidas como provocadas por elas.

Além disso, os adolescentes participantes da pesquisa relataram diferentes formas de enfrentamento da violência de gênero nas relações de intimidade. Diante de uma situação-problema apresentada no jogo e comentada pelos participantes, na qual era abordado o desconforto de um dos parceiros diante uma carícia sexual não desejada, foram elencadas duas reações: a primeira estava relacionada ao diálogo com o parceiro e a segunda estava associada à resposta por meio de agressões verbais e físicas (Schoenmaker et al., 2016).

Outra pesquisa relacionada com gênero (Oliveira et al., 2016) tinha como objetivo analisar a produção científica sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes no campo da saúde, considerando as categorias de gênero e geração. A literatura

analisada permite destacar que, uma maneira geral, os estudos que avaliam ou discorrem sobre a prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) entre adolescentes não analisam o fenômeno a partir das perspectivas de gênero e geração. A maior parte dos estudos que avaliavam intervenções de prevenção da violência por parceiro(a) íntimo(a) tinham como foco o reconhecimento e a tomada de consciência sobre a violência, assim como habilidades de gestão de conflitos e resolução de questões de estereótipos de gênero. Tais questões são reconhecidas como estratégias que possibilitam instrumentalizar adolescentes para gerenciar relacionamentos problemáticos antes que hábitos interpessoais vulneráveis se estabeleçam. Entretanto, é reconhecida a fragilidade dos estudos em abordar questões que ultrapassam a dimensão singular das atitudes e comportamentos e que ampliem a discussão para o contexto social da cultura, dos pares, da mídia e da inserção social dos(as) adolescentes. (Oliveira et al., 2016)

Na mesma direção, um estudo realizado com adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil entre os anos 2007 e 2009, teve como objetivo analisar as visões e experiências de jovens do sexo masculino sobre seus relacionamentos com a intenção de explorar as questões de gênero relacionado com violência no namoro. Uma das principais causas que levam os adolescentes a cometer violência física contra as namoradas é a traição ligado à percepções de masculinidade tradicionais. E por último se fala de atribuir o "gosto" da mulher por ser violentada e ficar com o agressor, culpabilizando-a. (Cechetto et al., 2016).

Também foi possível encontrar informações relacionadas ao início da atividade sexual em adolescentes no estudo de Teixeira et al. (2010), que investigaram adolescentes femininas, menores de 15 anos e sexualmente ativas, atendidas em um ambulatório público de ginecologia. Quase um terço das adolescentes deste estudo apresentava atraso escolar, 80 % tinham a figura materna em casa, enquanto a figura paterna esteve presente em apenas 41% dos lares. Na investigação sobre violência, 58% referiram ter sido vítimas dela no ambiente intrafamiliar e 13% sofreram abuso sexual, seja em casa ou fora dela, a maior parte perpetrada por pessoas de seu convívio. Ter parentes com história de alcoolismo foi mencionado por 44% das entrevistadas

e 43% revelaram consumo ou tráfico de drogas ilícitas por seus familiares. Sobre a experiência sexual das adolescentes, verificou-se que a idade média do primeiro intercuro sexual foi de 13 anos e para 80% delas o tempo transcorrido entre o início do relacionamento com o parceiro e a ocorrência da sexarca foi igual ou inferior a um ano. Quanto à primeira relação sexual, 63% das adolescentes já haviam menstruado há mais de um ano quando esta ocorreu, 72% referiram ter tido a experiência com namorados e 46% dos parceiros eram maiores de 18 anos. Quatorze adolescentes já tinham vida conjugal. No exercício da sexualidade, 22 declararam ter tido mais de dois parceiros no último ano. Do total das meninas, oito revelaram a prática de sexo com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e seis eram exploradas comercialmente (em troca de dinheiro ou outros benefícios). Estas últimas também mantinham relações sexuais com parcerias de ambos os sexos por conta desta atividade.

Nesta investigação (Teixeira et al., 2010), são divulgadas as consequências negativas do início precoce da atividade sexual em adolescentes e o alto grau de violência perpetrada, sendo que são mais vulneráveis por causa de elementos contribuem para o aumento do risco de adolescentes femininas, entre eles pode-se destacar a imaturidade biopsicossocial, a dependência econômica, o não reconhecimento da legitimidade do exercício sexual, a violência de gênero, famílias pobres, vítimas de abuso físico ou sexual, e o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas.

No estudo de Barreira et al. (2014) também fica evidente que a violência em namoros adolescentes ocorre de forma bidirecional, pois a maioria dos adolescentes (83,9%) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro. Apenas 2,5% perpetraram, mas não sofreram, violência e 2,8% sofreram, mas não perpetraram. A prevalência de adolescentes que relataram não ter vivenciado violência no relacionamento foi de 10,8%. A violência se deu com diferentes manifestações sendo que de homens para mulheres é uma violência física e de mulheres para homens o tipo de violência seria relacional (refere-se à compreensão de que a violência entre parceiros íntimos envolve relações de poder historicamente constituídas e utilizadas para delimitar características do masculino e do feminino) (Barreira et al., 2014).

Isso foi constatado também em outro estudo no qual se confirma que a violência verbal ou psicológica e a mais praticada entre adolescentes em ambos os sexos, assim como para os meninos é tolerável a agressão física por parte das namoradas sendo que é menosprezada. Porém ser humilhado ou xingado é percebido como uma das piores violências percebidas pelos jovens (Cechetto et al., 2016).

(b) Resultados das intervenções com adolescentes sobre violência a partir da revisão da literatura

O Quadro 2 reúne as publicações que retrataram programas de prevenção de violência em adolescentes.

Quadro 2. Caracterização de artigos que retrataram intervenções com adolescentes sobre violência

Autor (Ano)	Objetivo do artigo	Tipo de intervenção realizada
Murta et al. (2013)	Avaliar os efeitos de uma intervenção preventiva sobre a intenção de enfrentamento à violência no namoro e crenças sexistas e homofóbicas entre adolescentes.	Delineamento quase-experimental, com avaliação de pré e pós-teste, avaliação de processo e avaliação de impacto cinco meses após o término da intervenção (com estratégias quanti-quali e de avaliação).

Matos et al. (2006)	Promover a aquisição de conhecimentos acerca do fenômeno; capacitar para o reconhecimento de situações íntimas abusivas; identificar e produzir mudanças nas crenças sócio-culturais que sustentam esse tipo de violência; desenvolver competências para gerir uma situação de violência pelo parceiro; informar acerca dos recursos na comunidade.	Estudo exploratório descritivo
---------------------	---	--------------------------------

Fonte: Elaboração própria (2023)

No estudo de Murta et al. (2013) foram avaliados os efeitos de uma intervenção para a prevenção de violência no namoro com um grupo de adolescentes para posteriormente comparar com adolescentes que não receberam a intervenção. As intervenções ofereciam informação de violência no namoro, habilidades sociais, tomada de decisões, papéis de gênero, direitos sexuais e reprodutivos, considerando ainda as dificuldades na regulação emocional, aprovação de roles de gênero e como enfrentar as intenções violentas. Os dados obtidos sugerem que a intervenção foi eficaz, reduzindo atitudes relacionadas à restrição de emoções no gênero masculino, assim também para o enfrentamento de conflitos aumentaram as intenções de uso de estratégias não violentas. Os resultados são positivos porque reduzem as crenças normalizadas e estereotipadas sobre papéis de gênero masculino. Aumentaram também as intenções de respostas positivas assertivas estando em posição de vítima e favoreceu a gestão de emoções.

Da mesma forma se descreve como foi a implementação de uma intervenção de

prevenção de violência nas relações de namoro em contexto escolar segundo Matos et al. (2006). Esta procurou capacitar os jovens para a identificação de situações íntimas abusivas, identificar e mudar crenças socioculturais que legitimam essa violência, desenvolver competências para confortar a violência e dar a conhecer os recursos da comunidade (Matos et al., 2006).

As intervenções foram efetivas independentemente de serem aplicadas a contextos escolares distintos e com diferentes graus de escolaridade, sendo que as crenças mudaram em relação à menor tolerância de violência em ambos os gêneros. Confirma-se a importância de construir mandados sociais em relação a gênero que favorecem a repetição, normalização de violência.

Conclusões

Os estudos recuperados para análise neste artigo nos permitem algumas considerações. A abordagem da violência perpetrada por parceiro íntimo entre adolescentes constitui uma necessidade concreta do campo da saúde, a inclusão da problemática como objeto de trabalho em saúde mental assim como o desenvolvimento e a avaliação contínua de programas de prevenção que envolvam a escola, a família e o contexto social dos adolescentes. Observou-se que a desigualdade histórica estabelecida pelas construções sociais em relação ao gênero é o principal gerador de violência na sociedade é assim que os adolescentes constituem um setor de risco já que reproduzem paradoxos a respeito da desigualdade de poder em relação a gênero. Isso pode levar a uma naturalização e legitimação da violência desde tenra idade e com consequências significativas na saúde mental que atingem principalmente adolescentes do sexo feminino.

Nesse sentido percebeu-se que a violência nas relações íntimas entre adolescentes é bidirecional e cada vez mais naturalizada. Essa aceitação dificulta o fato deles reconhecerem comportamentos violentos fazendo com que não tenham ferramentas de afrontamento em situações de risco. Apesar de serem as adolescentes que mais sofrem violência, é importante reconhecer e trabalhar no reconhecimento e prevenção que o sexo masculino sofre também.

Na esfera educacional, o gênero é constituinte da identidade dos atores sociais, possuidores de qualificações plurais que não são estáveis e duradouras, mas se modificam e podem ser contraditórias. Nessa perspectiva, homens e mulheres são identificados pelo gênero, classe social, raça ou etnia e pela idade e nacionalidade, assumindo identidades plurais, múltiplas que produzem diferentes posições de sujeito, quando as redes de poder (das instituições, símbolos, códigos, discursos etc.) precisam ser examinadas. (Almeida, 2011)

Autores recomendam que intervenções devam ser implementadas o mais precocemente possível, uma vez que as atitudes e comportamentos relacionados à vivência da sexualidade e dos papéis de gênero são moldados antes mesmo da primeira experiência de relacionamentos afetivos. Assim, estudos sugerem a formulação de estratégias que envolvam a família, assim como os pares e o contexto no qual os adolescentes estão inseridos.

Em relação à sexualidade, os adolescentes iniciam sua vida sexual cada vez mais precocemente. Como exemplo, a idade média da primeira relação sexual genital entre as moças está abaixo dos 15 anos, sendo que se evidencia a importância da educação sexual nas escolas. Quando um adolescente inicia sua atividade sexual precoce e não tem todas as informações necessárias ou maturidade para administrá-las, ele acaba se expondo a grandes perigos imediatos como a gravidez indesejada, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), abortos clandestinos, HIV e problemas futuros como o câncer de colo de útero (provocado, muitas vezes, pelo papilomavírus humano - HPV), relacionamentos instáveis e até mesmo o não funcionamento correto dos órgãos sexuais, o que não é raro acontecer com homens que não tiveram uma iniciação sexual correta. (Belisse, 2009)

Referências

- Almeida, J. S. (2011). *As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB.* 31, 165-181. Recuperado de: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132>
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Fórum Brasileiro de Segurança Pública.* Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. d., & Avanci, J. Q. (2013). Direcionalidade da violência física e psicológica namoro entre adolescentes do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233–243. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232013000100024>
- Belisse, C. L.. (2009). *Atividade precoce na adolescência: a importância da educação sexual nas escolas.* <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf>
- Brancaglioni, B. D. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: Uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 946–955. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. D. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(59), 853–864. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Garcia, L. P., Duarte, E. C., Freitas, L. R. S. de, & Silva, G. D. M. da. (2016). Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4), 1-11.

<https://doi.org/10.1590/0102-311x00011415>

Jusbrasil. (2010) *Para ONU, Lei Maria da Penha é uma das mais avançadas do mundo*. Revisado abril 16, 2023, de <https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2110644/para-onu-lei-maria-da-penha-e-uma-das-mais-avancadas-do-mundo>

Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

Lliebre, A. M. (2003). Prevención de la violencia de género en adolescentes. *Revista de Estudios de Juventud*, 143-150. Recuperado de: <https://www.injuve.es/sites/default/files/art11.pdf>

Ministério de Saúde. (2010). *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*. Recuperado de: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf

Murta, S. G., B. R. P. dos. Nobre, L. A., Araújo, I. F. de Miranda, A. A. V., Rodrigues, I. De O., & Franco, C.T. P. (2013). Prevenção a violência no namoro e promoção de habilidades de vida adolescentes. *Psicologia USP*, 24, 263-288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de, Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais.

Ciência & Saúde Coletiva, 19(3), 707–718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>

Oliveira, R. N. G. D., Gessner, R., Brancaglioni, B. D. C. A., Fonseca, R. M. G. S. D., & Egry, E. Y. (2016). Preventing violence by intimate partners in adolescence: An integrative review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 50(1), 134–143. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000100018>

OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. (2021). Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia>

Ozella, S. (2003). *Adolescências construídas: A visão da psicologia sócio-histórica*. Editora Cortez.

Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, (2021). *Relatório Estatístico: Diagnóstico da violência doméstica e familiar contra a mulher nas Regiões Integradas de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais*. Recuperado de: DIAGNOSTICO - VDFCM nas RISPs - 1 semestre-2021 - 2021-08-06 1.pdf (seguranca.mg.gov.br)

Prefeitura de Uberlândia, fazer mais, fazer bem. (s/f). Gov.br. Recuperado o 6 de novembro de 2022, de <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/governo-e-comunicacao/salve-maria/>

Rocha, L. (2022). *Uma a cada quatro mulheres no mundo sofreu violência por parceiro, diz estudo*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uma-a-cada-quatro-mulheres-sofreu-violencia-por-parceiro-intimo-diz-estudo/>

Schoenmaker, M. et al. (2016). A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online. | CIAIQ2016. <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/819>

Teixeira, S. A. M., & Taquette, S. R. (2010). Violência e atividade sexual desprotegida em adolescentes menores de 15 anos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 56(4), 440–446. <https://doi.org/10.1590/s0104-42302010000400017>

UNESP. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. Faculdade de Ciências Agronômicas. Campus Botucatu. (2015) *Tipos de revisão de literatura*. Recuperado de: tipos-de-evisao-de-literatura.pdf

Artigo 2: “Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes a partir de oficinas expressivas”

Explorando relacionamentos afetivos com adolescentes, oficinas expressivas

Exploring emotional relationships with adolescents, expressive offices

Resumo

Este artigo propõe a discussão sobre como são vivenciadas as experiências e quais são os saberes e sentidos que os adolescentes atribuem aos relacionamentos afetivos entre parceiros íntimos e a violência. A partir de uma pesquisa intervenção foram realizadas seis oficinas expressivas com duração de 90 minutos cada uma para produzir os dados. As narrativas dos participantes, estudantes de uma escola pública do Estado de Minas Gerais, foram analisadas utilizando a análise de conteúdo temática e, em seguida, discutidas. Os adolescentes questionaram as concepções tradicionais de gênero e ressaltaram a influência da tecnologia na construção de vínculos afetivos. Surgiram perspectivas divergentes sobre o fenômeno, sendo que a maioria das opiniões refletia a repetição de estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Adolescentes, violência nos relacionamentos, estereótipos de gênero, oficinas.

Abstract

This article proposes a discussion on how experiences are lived and what knowledge and meanings adolescents attribute to intimate partner relationships and violence. Based on an intervention research, six expressive workshops, each lasting 90 minutes, were conducted to produce the data. The narratives of the participants, students from a public school in the state of Minas Gerais, were analyzed using thematic content analysis and subsequently discussed.

The adolescents questioned traditional gender conceptions and highlighted the influence of technology in the construction of emotional bonds. Divergent perspectives on the phenomenon emerged, with most opinions reflecting the repetition of gender stereotypes.

Keywords: Adolescents, relationship violence, gender stereotypes, workshops.

Resumen

Este artículo propone la discusión sobre cómo se viven las experiencias y cuáles son los conocimientos y significados que los adolescentes atribuyen a las relaciones afectivas entre parejas íntimas y la violencia. A partir de una investigación-intervención, se llevaron a cabo seis talleres expresivos de 90 minutos cada uno para producir los datos. Las narrativas de los participantes, estudiantes de una escuela pública del estado de Minas Gerais, fueron analizadas utilizando el análisis de contenido temático y, posteriormente, discutidas. Los adolescentes cuestionaron las concepciones tradicionales de género y resaltaron la influencia de la tecnología en la construcción de vínculos afectivos. Surgieron perspectivas divergentes sobre el fenómeno, siendo que la mayoría de las opiniones reflejaba la repetición de estereotipos de género.

Palabras clave: Adolescentes, violencia en las relaciones, estereotipos de género, talleres.

Neste artigo investigamos percepções, experiências e compreensões de adolescentes sobre relacionamentos afetivos entre parceiros íntimos.

No Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescência a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade incompletos. No lançamento da edição de 2023 do “Cenário da Infância e Adolescência no Brasil”, a Fundação Abrinq apresenta um retrato abrangente da realidade no país, explorando os principais indicadores sociais que afetam essa parcela da população. De acordo com o relatório, na faixa etária de 0 a 14 anos, o Brasil registra um alarmante número de 10,6 milhões de crianças e adolescentes vivendo em situação domiciliar de extrema pobreza, caracterizada por uma renda per capita mensal inferior ou igual a um quarto do salário-mínimo (Fundação Abrinq, 2023). Igualmente no que diz respeito à raça/cor, a maioria dos adolescentes (58,9%) se autodeclarou negra (pretos e pardos), enquanto 40,4% se autodeclararam brancos e menos de 1% a outras raças, como amarela ou indígena.

Na adolescência ocorre a construção de conhecimentos a partir de experiências na esfera afetivo-sexual e a construção da identidade de gênero (Reis & Riveiro, 2017; Nascimento & Cordeiro, 2011). Considerada por diferentes autores como uma etapa crucial para o desenvolvimento do indivíduo, na adolescência ocorrem mudanças significativas a nível psíquico - com a capacidade de reestruturar a personalidade e concepção do mundo, pela formação de novos conceitos e dinâmicas psicológicas e sociais (Martins, Trindade & Almeida, 2003).

Muitas vezes tida como fenômeno universal, caracterizada a partir da ideia de uma maturidade biológica associada a fatores de ordem individual, a adolescência vem sendo descrita como um período difícil, instável, com mudanças de comportamento social que a colocam como “problema social” ao serem desconsiderados os fatores sociais e culturais presentes. (Rezende, Dias, & Rebello, 2014). Em sentido contrário, Ozella e Aguiar (2008) apontam que a adolescência é moldada por significados presentes na cultura e na linguagem, e

que influenciam as relações sociais. Esse raciocínio coloca a necessidade de conceber diferentes "adolescências", de maneira abrangente, levando em consideração as heterogeneidades que podem surgir e se manifestar entre adolescentes (Freitas et al., 2005).

Relacionamentos íntimos entre adolescentes, gênero e violência

A ampliação dos relacionamentos sociais que ocorrem na adolescência abarca aqueles que envolvem descobertas afetivo-sexuais (Cecchetto et al., 2016). Um estudo de Vasconcelos et al. (2023) buscou conhecer as características dos relacionamentos amorosos entre adolescentes de 12 a 18 anos de idade (21 meninas e 8 meninos) que pertenciam a escolas públicas de uma cidade no interior de Rio Grande do Sul, e não coabitavam com o parceiro ou parceira. Os grupos focais permitiram espaço para dialogar livremente sobre dois tópicos: “entendimento sobre violência no namoro” e “formas de evitar violência no namoro”. Das falas dos adolescentes emergiram dois temas distintos. O primeiro abarca a elaboração das masculinidades e a promoção dos atributos a elas vinculados, como agressividade, potência e virilidade, acompanhados de uma dinâmica relacional com as mulheres fundamentada na objetificação. O segundo tema versa sobre a violência utilizada como meio de coação e intimidação, fundamentada nas disparidades de gênero, resultando em uma posição de desvantagem para as adolescentes do sexo feminino. (Vasconcelos et al., 2023)

O mesmo estudo destacou que os adolescentes tinham certa consciência de que a violência nos relacionamentos era indesejável, mas que, muitas vezes, havia naturalização da violência, já que eles não percebiam certas situações como tal (Vasconcelos et al., 2023). Como colocam Cecchetto et al. (2016), as interpretações dadas à violência nos relacionamentos afetivo-sexuais são influenciadas por representações dos papéis de gênero, reforçando expectativas relacionadas a esses papéis nas interações.

Segundo Vasconcelos et al. (2023), a violência permeia as interações de gênero, impactando meninos e meninas de maneiras distintas: no caso dos meninos, a violência atua

como um meio de reforçar a virilidade, além de servir como ferramenta de controle e poder; já para as meninas, a violência se manifesta como uma ameaça, interpelando-as em várias dimensões, não apenas nos relacionamentos afetivo-sexuais, mas também após o término, por meio da mídia e experiências de pessoas próximas (Cornell, 2005 como citado em Vasconcelos et al., 2023). É relevante considerar, segundo a literatura, que a reprodução dos estereótipos sociais pode indicar uma limitação dos meninos em papéis sexistas, sugerindo que podem sentir-se restritos a agir de maneira diferente, o que pode ter implicações nas suas relações (Delgado, 2018; Vásquez et al., 2018).

Tornou-se evidente que as desigualdades de gênero são a base de diversas atitudes violentas e degradantes, infringindo o direito ao respeito e à integridade física e psicológica. Comportamentos como a naturalização da violência, desconfiança, coação sexual, práticas de controle e monitoramento, bem como a ridicularização da agressividade das mulheres, entre outros (Cechetto et al., 2016), indicam uma falha significativa na construção de princípios éticos fundamentais que deveriam orientar as interações sociais, especialmente nos relacionamentos íntimos. Além disso, tais atitudes revelam a persistência de modelos reproduzidos socialmente, enraizados em sistemas de dominação e opressão.

A partir do que foi exposto, estabeleceu-se como objetivo deste artigo analisar os sentidos produzidos por adolescentes sobre seus relacionamentos íntimos.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Após aprovação do protocolo por um Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 67967323.4.0000.5152 – Anexo 1), houve uma primeira aproximação à escola, momento em que a pesquisadora entrevistou o diretor, duas professoras e dois alunos com o objetivo entender o cenário do estudo e investigar a presença de situações de violência no contexto escolar e ações desenvolvidas no contexto a respeito, além de conhecer e se familiarizar com os adolescentes, sua linguagem e sua cultura

e a dinâmica da escola dentro desse bairro nesse contexto específico. Esse primeiro momento permitiu, ainda, a avaliação da apropriação do idioma português, pela pesquisadora, que é estrangeira, para conduzir a segunda etapa do estudo.

As entrevistas com a direção da escola, dois professores indicados pela direção e dois alunos cujos nomes foram sugeridos por esses professores ocorreram em sala reservada, assinatura prévia de termos de consentimento (direção, professores, pais) e termos de assentimento (Adolescentes). A escola é considerada um ambiente pacífico, com raros casos de agressões físicas, ainda que após a pandemia, com o retorno das aulas presenciais, a escola enfrentou dificuldades com alunos mais agressivos e pais culpando-a por problemas de comportamento dos filhos, dificultando a readaptação ao ambiente escolar.

Para combater a violência, com destaque para o bullying, identificado como um problema persistente, a escola implementou várias ações preventivas e interventivas, como a integração de conteúdos sobre respeito e convivência pacífica em todas as disciplinas, além de palestras, mesas redondas e o apoio de uma equipe multiprofissional composta por psicólogos e assistentes sociais.

Casos de violência doméstica são frequentemente relatados pelos alunos durante atividades de discussão, abrangendo violência psicológica, física e sexual, muitas vezes perpetrada por familiares próximos. A escola adota medidas como anotações, conversas com as famílias e, em casos graves, encaminhamentos ao conselho tutelar para acompanhar e apoiar os alunos afetados. Muitos alunos, especialmente adolescentes, enfrentam dificuldades em reconhecer comportamentos abusivos em seus relacionamentos. Há relatos de estudantes, especialmente do turno da noite, que abandonam a escola devido a exigências de parceiros abusivos. A conscientização sobre violência e abuso nos relacionamentos é uma área crítica que precisa de atenção contínua para ajudar os alunos a identificar e combater comportamentos abusivos.

No que diz respeito às relações interpessoais, a maioria dos alunos relata um ambiente de amizade e cooperação na sala de aula, com poucos conflitos sérios. No entanto, quando ocorrem, os conflitos geralmente estão relacionados a diferenças pessoais, como características físicas, que são usadas como motivo de zombaria e tendem a ser resolvidos de entre pares, muitas vezes sem a intervenção das autoridades escolares. Uma diferença marcante observada nas entrevistas é a percepção dos alunos sobre como meninos e meninas lidam com a violência verbal e as brincadeiras de mau gosto: as meninas são mais vulneráveis a esse tipo de violência, especialmente quando envolve críticas ao corpo, o que é uma questão sensível para muitas delas.

Após essa etapa inicial, teve início uma pesquisa intervenção, método que busca intervir ativamente na realidade social ao mesmo tempo em que investiga essa realidade. Caracteriza-se por uma abordagem colaborativa, onde pesquisador e participantes trabalham juntos para transformar o contexto estudado, promovendo mudanças significativas enquanto se gera conhecimento. De acordo com Barros e César (2015), a pesquisa-intervenção visa não apenas compreender os fenômenos sociais, mas também atuar sobre eles, sendo especialmente útil em contextos em que a transformação social é um objetivo central.

O estudo foi conduzido com estudantes do 7º, 8º e 9º anos da mesma unidade escolar (13 a 18 anos incompletos), convidados a participar voluntariamente de uma série de seis encontros, cada um com duração de 1 hora e 30 minutos, realizados sob a forma de oficinas. Os seis encontros foram planejados na perspectiva das metodologias ativas (Silva, 2002) e com apoio em dinâmicas de grupo para adolescentes (Priotto, 2009).

Silva (2002) define metodologias participativas como “o emprego de métodos e técnicas que possibilitem e facilitem aos integrantes do grupo: vivenciar seus sentimentos, percepções sobre determinados fatos ou informações; refletir sobre eles; ressignificar seus conhecimentos e valores e perceber as possibilidades de mudança” (Silva, 2002, p. 44). Já

Priotto (2009), utiliza o termo “dinâmicas de grupo” ao se referir à possibilidade de reunião de indivíduos que compartilham uma situação, permitem o aprendizado e favorecem o relato de vivências pessoais e troca de experiências e opiniões a partir de jogos, discussões e atividades interativas. Ao enfrentar os novos desafios, ao questionar e dirimir todas suas dúvidas, os adolescentes vão construindo os seus saberes, formando outros elos, entendendo as regras e muitas outras respostas para sua interação e integração social. Trata-se de uma abordagem não diretiva, em que se estimulam a expressão espontânea a reflexão acerca de sentimentos, atitudes e valores (Priotto, 2009).

Escolhemos usar “oficinas expressivas” para nomear os espaços que buscamos construir nesta pesquisa, com apoio em Silva (2002) e no uso de metodologias ativas, e não “dinâmicas de grupo” como aparecem na obra de Priotto (2009). A proposta de oficinas, apoiadas nas metodologias ativas, por seu aspecto interativo, que permitem explorar a partir de jogos e brincadeiras determinados temas, fazer perguntas, discutir entre pares foi eleita como parte da etapa metodológica desta pesquisa voltada para o público adolescente (Silva, 2002). Cabe ao coordenador liderar e interagir nas discussões e atividades propostas, favorecendo a discussão e a reflexão do grupo. As atividades devem ser planejadas a partir de capacidade de compreensão, faixa etária, escolaridade, considerando-se a motivação para oficina e o nível de relacionamento entre os participantes (Priotto, 2009). Além disso, o trabalho com grupos de adolescentes (Silva, 2002) deve envolver técnicas para promover uma discussão que envolvam componentes afetivos para assim poder sensibilizar sobre a temática. Ao se promover a discussão a intenção é acolher experiências, dificuldades, os tipos de argumentos sobre os temas, conhecer melhor os valores, sentimentos e atitudes frente a uma situação que eles vivem na sua realidade, os significados sentidos e sentidos como em relação a sus relacionamentos afetivos (Bucher, 1993 apud Silva, 2002).

A preparação das oficinas foi pensada para fossem lúdicas e altamente dinâmicas, já

que o objetivo era promover o diálogo e envolvimento dos adolescentes na temática. De modo sintético, a organização foi inspirada em Priotto, que propõe para atividades grupais com adolescentes (a) entre 15 e 25 adolescentes em cada encontro; (b) delimitar o objetivo pretendido de modo claro e em articulação com a infraestrutura, técnicas e materiais selecionados, de forma a garantir elementos que fomentem a discussão de ideias, sentimentos, práticas, valores, comportamentos; (c) avaliar a necessidade de mais de uma dinâmica para discutir um tema de modo aprofundado; (d) usar a criatividade (recursos audiovisuais, musicais, interativos) e avaliar os limites e possibilidades: (e) realizar contrato de trabalho previamente (limites de horário, respeito, construção de vínculo afetivo, confiança para o trabalho em grupo); (f) o coordenador do grupo deve ser sincero, espontâneo e aberto a perguntas; (g) reservar um tempo para avaliação do encontro.

Os adolescentes, os encontros da/na pesquisa, cuidados éticos e procedimentos de análise

O convite para participar da pesquisa realizou-se durante o período da manhã, no mês de agosto de 2023 com a pesquisadora, em dia e horário combinado previamente com a direção escolar, pedindo licença aos professores que estavam dando aula nesse momento. Foi entregue um convite impresso a cada aluno onde estavam especificados os objetivos dos encontros, os horários, local que no caso, seria na própria escola, e o contato telefônico. Nessa oportunidade informei que os interessados em participar das oficinas precisariam tanto da autorização por escrito dos responsáveis, como da autorização deles. Entreguei cópias dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para 30 interessados no mesmo dia do convite, orientando que decidissem em conjunto com seus pais ou responsáveis sobre a participação e, caso os pais concordassem, assinassem em casa o TCLE. Frente a qualquer dúvida dos pais recomendei aos adolescentes que oferecessem meu contato para poder agendar um encontro, o que não se fez necessário. Por fim, foi solicitado aos representantes de cada sala o seu contato para compartilhar o convite em formato virtual para que pudessem postá-lo no grupo de *WhatsApp*

da turma.

As oficinas tiveram início em 14/09/2023, com frequência quinzenal, duração de 90 minutos e participaram delas entre 16 e 4 adolescentes. Foram desenvolvidas no segundo andar da escola, em sala espaçosa com dois ventiladores, uma lousa, 34 cadeiras com suas respectivas mesas, e boa iluminação. Cada oficina foi conduzida pela pesquisadora (Quadro 1), com apoio de dois gravadores de áudio, dispostos em pontos diferentes da sala, com o objetivo de captar a interação durante cada encontro para posterior transcrição.

Para o planejamento das oficinas, me inspirei em Silva (2002), Priotto (2009) e algumas atividade propostas nasceram da minha criatividade, em diálogo com as leituras e a definição de temas a serem explorados na sequência das oficinas (Quadro 1).

Oficina 1 – Boas-Vindas (16 participantes).

Objetivos: (1) apresentação da pesquisadora, dos participantes, da proposta e contrato grupal, (2) explorar a concepção sobre relacionamentos amorosos.

Atividades: Apresentação da história da pesquisadora e aspectos culturais da Bolívia.

Discussão de histórias românticas a partir de personagens Disney e se esses filmes influenciam a percepção dos estudantes sobre o que é um relacionamento.

Oficina 2 - “Eleição de parceiro através do tempo (13 participantes)

Objetivo: Explorar o conceito da palavra “flerte” a fim de compreender a dinâmica atual dessa interação entre adolescentes.

Atividades: Apresentação de relato sobre como a avó da pesquisadora iniciou seu namoro e discussão sobre diferenças que os estudantes percebem nos relacionamentos atuais. Em seguida, divididos em grupos, debateram e escreveram relato sobre como eles próprios iriam contar a história de sua vida para seus netos 60 anos mais tarde. Ao final, votaram no relato mais original, detalhado, divertido e realista ao contexto atual.

Oficina 3 “Autoconhecimento (8 participantes).

Objetivo: Explorar o conceito de namoro e indagar a dinâmica dos relacionamentos afetivos nas redes sociais.

Atividades: Tempestade de ideias para definir namoro, discussão sobre o triângulo de Sternberg (1989) (Intimidade, Paixão e Compromisso) e influência das redes sociais

Oficina 4 – Mitos e crenças (8 participantes)

Objetivo: Explorar os mitos e crenças sobre relacionamentos que conhecem os participantes para entender como esses ditados impactam na cognição, emoção e comportamento dos participantes.

Atividades: Apresentação e debate sobre significados de ditados populares sobre relacionamentos e debate sobre o que influencia na escolha de parceiros. Em seguida, apresentação e debate sobre os 14 direitos assertivos em grupos para criar um debate sobre como esses direitos são ou não vivenciados por eles.

Oficina 5 - Construindo definições de violência” (4 participantes)

Objetivo: Indagar a definição e os conhecimentos em relação a violência.

Atividade: (1) debate livre sobre o que é violência e construção de definição coletiva, posteriormente comparada com a Lei Maria da Penha, (2) apresentação de definições sobre tipos de violência e discussão de casos em que havia violência entre parceiros, (3) discussão sobre os sentidos de ser homem e mulher para os adolescentes e seus familiares

Oficina 6 - Fechamento” (4 participantes)

Objetivo: Concluir os encontros, conhecer as impressões, opiniões dos participantes.

Atividades: Agradecimento, avaliação e encerramento com lance.

Fonte: A autora.

Quadro 1 – Quadro-síntese das seis oficinas desenvolvidas junto aos adolescentes.

Na primeira oficina (Boas-vindas), quando estiveram presentes 16 adolescentes, cinco

do sexo masculino e onze do sexo feminino. Questionados sobre “quem é você?”, vários responderam “que não sabiam quem eles eram” e muitos deles definiram-se como “tímidos ou introvertidos”. A partir da leitura das transcrições dos encontros, selecionamos as oficinas 2, 3 e 6 para análise, pois nestas oportunidades, o estabelecimento de relacionamentos íntimos entre adolescentes foi mais intensamente debatido. Cada transcrição literal foi lida e relida para identificação das temáticas abordadas, tendo os procedimentos de Braun e Clark como inspiração (Souza, 2019). A primeira temática aborda a importância do virtual para o estabelecimento de relacionamentos entre adolescentes. A segunda apresenta a diferença na forma como adolescentes percebem serem tratados por pais e demais adultos em função do gênero quando manifestam interesse em relacionamentos afetivos. Por fim, destacamos como os adolescentes percebem e se posicionam frente às violências em relacionamentos.

Resultados e discussão

Namoro é uma relação profunda e comprometida entre duas pessoas, caracterizada pelo amor, respeito, confiança, fidelidade e cuidado mútuo. Envolve compartilhar momentos tanto bons quanto ruins, estar presente na jornada um do outro, proteger, defender e nutrir uma conexão baseada na união, carinho e paixão. Essa relação é fundamentada em valores de respeito, companheirismo, confiança e fidelidade, proporcionando um sentimento de amor duradouro e respeitoso. (Produção coletiva dos adolescentes – Oficina 3)

Os participantes adolescentes estavam matriculados nos 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental. Inicialmente, o grupo era composto por 16 estudantes, dos quais 7 eram adolescentes do sexo masculino e 9 do sexo feminino, com idades variando entre 14 e 17 anos. No entanto, a partir do segundo encontro, apenas as adolescentes continuaram a participar, com idades de 14 a 16 anos.

Tema 1 - A virtualização dos relacionamentos

O relacionamento afetivo entre adolescentes apareceu nas oficinas vinculado diretamente às redes sociais. No segundo encontro se falou sobre algumas características que envolviam os relacionamentos antigamente, como por exemplo o uso de cartas como principal meio de comunicação, o contato com a pessoa em algum lugar público ou sob a supervisão dos pais na própria casa. Os adolescentes não tinham ideia sobre os modos como os relacionamentos eram estabelecidos e, surpresos por conhecerem outros modos de contato na época de avós e bisavós, foram então questionados sobre a forma como se estabelecem esses vínculos hoje, como acontece essa dinâmica do primeiro contato ou encontro do adolescente com o “outro” para estabelecer um novo vínculo.

Foram mencionadas as redes sociais, em especial o Instagram, WhatsApp e Facebook para “conhecer pessoas do mundo inteiro, de qualquer país” (Participante 2) e, presencialmente, as festas. Conforme apontado por Bordignon e Bonamigo (2017), as redes têm o potencial de promover transformações nos usuários, tanto em nível pessoal quanto social. Elas têm a capacidade de estabelecer laços afetivos, independentemente da localização geográfica dos envolvidos. Por meio de uma comunicação ágil, possibilitam o compartilhamento de experiências, pensamentos, percepções e outros aspectos. Confirmando essa perspectiva, os adolescentes disseram:

Participante 10. - *E por que na rede social é muito mais fácil por que você conhece mais o menos como a pessoa é*

Participante 3. - *Eh tia tipo até que se pode conhecer em pessoa mais é melhor a rede social facilita ter uma noção de quem é..*

As redes surgem como meio para identificar quem é atraente (olhar as fotos), permitindo iniciar conversa e posteriormente um encontro físico, mas também apresenta a dúvida (quem se passa por fake) sobre quem está se deixando conhecer: “*Você vai, olha as*

fotos, manda mensagem e às vezes as pessoas, muitas pessoas se passam por fake, e você não sabe se é verdade ou não é verdade.” (Participante 2)

Essa preocupação com contas *fake*, quando alguns indivíduos considerados insatisfeitos de seu ambiente, podem criar estas contas com identidade fantasma e ocultas é apontada pela literatura (Guimarães et al., 2020). As redes sociais experimentam um rápido crescimento, e o ambiente virtual disponibiliza ferramentas que facilitam a rápida troca de informações. As pessoas podem adquirir diversos tipos de conhecimento em questão de segundos. As redes sociais viabilizam aos usuários a troca de informações de maneira quase instantânea e simultânea, em qualquer momento e em qualquer lugar, por meio de diversas plataformas (Franco, 2013; Prensky, 2001).

A percepção de uma das participantes expressa uma perspectiva crítica, associando relacionamentos à distância com infidelidade ("só chifre"). Isso pode refletir uma atitude mais desconfiada ou negativa em relação a esses relacionamentos iniciados virtualmente:

Participante 3. - *Tem relacionamento a distância que dá certo.*

Participante 2. - *Aaah amiga que é isso? E só chifre.*

Participante 3. - *Está me chamando de chifre?*

Participante 2. - *Não mais se pra você dá certo...*

Como colocam Langaro e Benetti (2014, p. 199) na mesma velocidade que a velocidade dos contatos por redes sociais “cresce a banalização das relações pessoais, tornando os relacionamentos amorosos e afetivos superficiais e passageiros, com pouca condição de se transformarem em vínculos mais duradouros”.

Para Rosa e Santos (2015) os espaços virtuais, com a disponibilidade de diversos tipos de informações, como imagens, vídeos e textos, contribuem para a construção de uma identidade online, pela oportunidade de selecionar e compartilhar elementos que representem sentimentos, ideias e sentidos. Os autores sugerem que as interações nas redes sociais

desempenham um papel crucial na expressão e exploração da identidade pessoal, com a vulnerabilidade dos usuários influenciando as interpretações dessas manifestações. (Rosa & Santos, 2015). Dessa forma, se ressalta a importância das redes sociais na formação e expressão da identidade do indivíduo, destacando como as escolhas de compartilhamento e as representações visuais podem ser reflexos significativos dessa construção identitária online.

Com uma comunicação tecnológica de forma rápida nas redes, houve de certo modo uma substituição de relacionamento físicos/presenciais por virtuais. Houve uma perda do contato real e o isolamento entre os indivíduos. (Guimarães et al., 2020).

Participante 3: *“ As pessoas que se sentem sozinhas vão a redes sociais para procurar um relacionamento como se fosse uma necessidade...”*

M.- *Certo e quais componentes podem ser negativamente afetados por redes sociais?*

Participante 11. - *Talvez o fato de que essa pessoa está falando com outra e você fica sem saber*

M.- *Certo então seria o compromisso certo?*

Participante 11. - *Sim*

Participante 3. - *Ehh tipo, mas isso já é falta de respeito*

M.- *Vocês concordam?*

Participante 11. - *Eu acredito que na rede social ou pode dar tudo certo ou não acaba que o que outro faz acaba influenciando, se não se entendem bem, pode ser que você confie em essa pessoa e sua intimidade também seja exposta*

Participante 3. - *Você tem tipo um relacionamento só pelas redes sociais, você não sabe o que a outra pessoa faz, você não conhece totalmente*

Participante 11. - *Também pode ser uma pessoa detrás da tela e outra diferente quando está com você, e tipo você já imaginou outra coisa.*

O trecho destacado revela preocupações relacionadas aos impactos negativos das

redes sociais, especificamente em relação ao compromisso, falta de respeito, confiança e expectativas nos relacionamentos online. A falta de clareza na comunicação online pode levar a mal-entendidos e, conseqüentemente, comprometer relacionamentos. As ações de uma pessoa online podem influenciar negativamente a confiança e resultar na exposição da intimidade. Isso destaca a fragilidade da confiança nas interações online e a possibilidade de divulgação indevida de informações pessoais.

O que dá lugar a uma nova problemática, o ciber-abuso que, nos relacionamentos amorosos é um fenômeno complexo que envolve diferentes formas de abuso, ameaça ou assédio utilizando meios tecnológicos em ambientes virtuais. Pode ocorrer em relacionamentos atuais ou passados e abrange comportamentos afetivos, amorosos ou sexuais. O cyber-abuso nos relacionamentos amorosos é caracterizado pelo abuso em relacionamentos atuais ou passados, com caráter afetivo, amoroso ou sexual, com recurso de meios tecnológicos em ambientes virtuais. (Hinduja, & Patchin, 2011)

Um estudo realizado em Recife com o objetivo de estudar comportamentos violentos entre parceiros íntimos adolescentes homossexuais, visa destacar que a violência psicológica está cada vez mais presente no ambiente virtual e que o uso de novas tecnologias é um meio na perpetração principalmente de controle por ciúmes na vitimização entre os casais adolescentes. (Silva et al., 2023)

Assim também as experiências de abuso digital que os participantes adolescentes mexicanos experimentaram pelo menos uma vez nos seus relacionamentos no meio digital que foram: "Minha parceira ou ex-parceira se fez passar por outra pessoa através das novas tecnologias para me testar" (mulheres = 9,6% e homens = 17,6%) e "Minha parceira ou ex-parceira publicou música, poesias, frases... em seus estados de rede social em referência a mim com a intenção de me insultar ou me humilhar" (mulheres = 13,2% e homens = 20,9%).

As experiências mais frequentes relacionadas ao fator de Controle/Monitoramento

Digital foram: "Minha parceira ou ex-parceira acessou minhas redes sociais, WhatsApp ou e-mail sem minha permissão" (mulheres = 23,6% e homens = 33,1%) e "Minha parceira ou ex-parceira controlou as amizades que tenho nas redes sociais" (mulheres = 29,2% e homens = 26,4%). (Javier-Juárez et.al, 2022)

Assim também, os adolescentes expressaram a dificuldade de conhecer completamente alguém apenas via redes sociais. Isso ressalta a distinção entre a persona online e a realidade, indicando que as redes sociais podem não fornecer uma representação precisa da vida real. Há uma preocupação levantada sobre a possibilidade de alguém se apresentar de forma diferente online do que é na realidade. O Participante 11 menciona que "*pode ser uma pessoa detrás da tela e outra diferente quando está com você*", destacando a questão do anonimato e da construção de identidade nas redes sociais.

Os adolescentes expressaram uma notável crítica em relação à crescente virtualização dos relacionamentos. Muitos deles observam que, atualmente, há uma tendência marcante em preferir interações online em detrimento das experiências presenciais. Eles apontam que as pessoas demoram consideravelmente para formalizar um relacionamento, optando, em vez disso, por uma dinâmica mais casual conhecida como 'ficar'.

Destacando do mesmo modo essa preferência pelo virtual é frequentemente associada à ideia de que tudo é mais rápido, instantâneo e acessível, mas, ao mesmo tempo, há uma hesitação em assumir compromissos mais sérios. Os adolescentes expressam uma sensação de que as conexões online, embora ofereçam conveniência, podem não proporcionar a profundidade e a autenticidade dos relacionamentos face a face, levando a uma reflexão crítica sobre a natureza mutável e, por vezes, efêmera dos laços interpessoais na era digital.

Os autores Assunção e Matos (2014) ainda ressaltam que, com a comunicação virtual, pode-se privar os adolescentes de situações que são autênticas, que são reais e podendo colocar a vida social do adolescente em riscos, excluindo-o de participação em sua comunidade de atividades

sociais, seja de educação, cultura, entre outros. É valioso compreender as direções que os adolescentes estão tomando no novo paradigma de comunicação e entender qual senso crítico estão desenvolvendo. Para eles, a internet representa uma conexão integral com um mundo que já se tornou parte integrante do cotidiano. Assunção e Matos (2014) afirmam que a internet facilita a comunicação de maneira rápida e fácil, embora reconheçam desafios no desenvolvimento da competência social, como a timidez e a distância geográfica.

Essas observações sugerem uma consciência crítica sobre os desafios associados aos relacionamentos mediados por redes sociais. Os participantes expressam preocupações com a confiança, autenticidade e compreensão mútua, destacando a necessidade de uma abordagem equilibrada ao integrar a vida digital e a realidade nos relacionamentos amorosos.

Tema 2 - Controle sobre as meninas e permissão para os meninos: relação entre os adultos e os adolescentes em início de sua vida afetiva

Na oficina 1, na discussão sobre filmes românticos da Disney, se chegou algumas conclusões: as princesas são as que mudam e fazem sacrifícios na maioria das vezes para ficar com o príncipe; as personagens masculinas são passivas e tem comportamentos reprováveis. Os filmes, portanto, contam histórias distantes da realidade dos participantes, ainda que, na sua infância, quando tiveram o primeiro contato com essas produções, eles não percebiam tudo aquilo. A diferença entre os relacionamentos segundo meninas e meninos foi discutida no último encontro, as temáticas mais significativas foram destacando pelas participantes. Na conversa surgiu a influência dos pais na constituição de relacionamentos íntimos e na concepção de gênero: *“Os pais não querem saber de meninos, por que se a gente conversar com um menino hetero... namorando pode até passar”* (Participante 10), *“Os pais simplesmente viram para você e falam “ah, teu namoradinho” [...] Simplesmente você não pode ter amigos meninos”* (Participante 8).

Na continuidade da conversa elas apontam para uma dinâmica em que os pais demonstram preocupações específicas em relação aos relacionamentos e interações das filhas com meninos. A preocupação com a gravidez parece ser uma das motivações subjacentes para as restrições e reações dos pais. O diálogo destaca a influência das experiências passadas, traumas e medos na maneira como os pais abordam os relacionamentos de seus filhos:

Participante 8. - *Meu pai não fala isso mais minha avô sim*

Participante 6. - *Por tudo o que aconteceu eles têm medo de... sei lá*

Participante 8. - *Eles pensam que por você estar perto de um menino conversando com eles você já está namorando... que é isso?*

Participante 10. - *Acho que e medo de a gente engravidar (Risadas)*

A esfera familiar é considerada uma instituição sociocultural onde desdobram-se aspectos fundamentais para a construção da identidade de gênero. Dessa maneira, Silva (2014) citando a Scott (1995) afirma que gênero também é utilizado para designar as relações do ponto de vista social entre os sexos, isto é, as construções sociais sobre papéis femininos e masculinos, dando ao gênero o contorno de uma categoria social que é imposta sobre um corpo sexuado. Assim, percebe-se que o conceito de gênero é empregado para elucidar as construções sociais estabelecidas, que são impostas como naturais, mas, na realidade, são meras formulações ideológicas. Essas formulações têm o propósito de justificar os comportamentos sociais atribuídos a homens e mulheres em uma determinada sociedade. Dessa forma, o termo "gênero" é empregado para analisar as interações sociais entre homens e mulheres, interações estas que são historicamente moldadas e refletidas pelos diversos discursos sociais que abordam a diferença sexual (Grossi, 1998).

A construção e a aprendizagem da sexualidade são processos sociais complexos, amplos e fundamentais para o desenvolvimento da personalidade. Nas sociedades ocidentais, ao longo da história, a sexualidade foi moldada e envolvida por mitos e tabus, muitos dos quais

persistem atualmente como barreiras ao bem-estar das pessoas. A experiência insatisfatória da sexualidade pode ter impactos significativos no processo de aprendizagem, nos relacionamentos e na saúde mental e física dos indivíduos. (Costa et al., 2014).

Segundo Soares (2009 citado por Silva, 2014) as dificuldades de comunicação de adultos (sejam pais, educadores ou profissionais de saúde) com jovens são agravadas pela falta de preparo para lidar com as particularidades dos jovens. Além disso, observa-se a interferência de visões preconceituosas, atitudes impositivas e a falta de reconhecimento das necessidades e da autonomia dos adolescentes.

M.- Falaram do medo de ter um filho muito cedo e eles. eles têm um medo mais o que eles fazem? Vocês falaram que proíbem, qual pensam que seria um equilíbrio nessa situação?

Participante 10. - Eu acho que o único jeito de a gente aprender e deixar a gente namorar, para a gente saber o que é sofrer, eu aprendi sofrendo eles deveriam deixar a gente experimentar para saber o que é ruim e sofrer

Este trecho do diálogo na oficina expressa a percepção das participantes sobre o medo dos pais em relação aos filhos terem relacionamentos cedo, evidenciando uma preocupação particular em relação às mulheres. As adolescentes criticam atitudes machistas, destacando a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres na permissão para namorar. Principalmente cabe destacar as preocupações que trazem as adolescentes que refletem uma série de estereótipos de gênero arraigados na sociedade, nos quais as mulheres são frequentemente associadas à responsabilidade pela reprodução e cuidado dos filhos.

Participante 7. - Até achar a pessoa certa para não sofrer que tipo não te trate como se fosse... como se você tivesse que ficar só na cozinha...

Participante 8. - Isso é machismo. A maioria dos homens "eu vou sair a trabalhar, você toma conta da nossa casa e de nossos filhos". Se não fizer isso ou ele bate ou

tipo te abandona no mundo, né?

Participante 6. - *E deixa você cuidando dos filhos*

Participante 7. - *Lá em casa é o contrário. Meu pai cozinha [...]*

Participante 10.- *Na questão do machismo, só pelo fato de ser mulher os pais... não, no caso minha avó quer eu só namore com 17, mas aí meu primo tem 15 e minha avó, tipo, que deixa já ele namorar. Ai ela fala "não, você é muito nova para isso", mas meu primo chega falando que namora, ela acha legal, tipo que é isso*

Participante 6. - *Também acontece isso comigo. Tipo meu pai, se meu irmão começa a namorar aos 8 anos ele não está nem aí, se eu começo a namorar ele quer matar ao menino*

M.- *Tá bom, e de onde vem esse pensamento e por que até o dia de hoje fica assim?*

Participante 8. - *Eu tenho uma pergunta por que os pais se preocupam mais com as mulheres que com os homens se é a mesma merda?*

Participante 10. - *Eu acho que as mulheres... eles pensam que as mulheres vão engravidar e cuidar ao filho e os homens eles não vão ter filho, né?*

As experiências vivenciadas pelas participantes corroboram a crítica ao machismo, apontando o comportamento diferenciado do pai em relação aos filhos homens e mulheres. A discussão revela preocupações sobre a desigualdade de tratamento entre gêneros, indicando que as restrições ou permissões para namorar são frequentemente baseadas em estereótipos de gênero, como a expectativa de que as mulheres sejam responsáveis pela casa e filhos. Participantes questionam a origem desse pensamento e porque persiste até hoje, sugerindo uma reflexão sobre as normas de gênero arraigadas na sociedade. Conforme Oliveira (2009), mesmo neste século em curso, persistem práticas opressoras dirigidas à figura feminina no ambiente familiar. Essas práticas visam a preservação da ordem, das relações de classe e do poder. No entanto, como destacado pela autora, a dinâmica familiar está passando por transformações,

resultando em papéis confusos e difusos quando comparados aos modelos tradicionais, nos quais esses papéis eram rigidamente definidos. A autora ressalta que as relações estabelecidas pelo modelo tradicional estão atualmente em processo de transformação, refletindo em questionamentos e na maneira de viver em um mundo em constante mudança.

Conforme Magalhães (2010), ao considerar que a construção individual ocorre no contexto das relações sociais, torna-se claro que tanto o indivíduo quanto a sociedade são mutuamente influenciadores e produtos de mudanças, estabelecendo uma relação circular e recursiva. Os significados atribuídos socialmente ao masculino e ao feminino estão sujeitos a serem aceitos, questionados e reinterpretados. Esse processo pode ser particularmente evidente nas representações das relações de gênero, especialmente quando relacionadas à organização social das diferenças entre os sexos (Magalhães, 2010).

As dinâmicas familiares, por sua vez, refletem a compreensão sobre gênero de forma implícita, proporcionando aos membros da família a oportunidade de transmitir as construções e ensinamentos presentes nos discursos de gênero predominantes na sociedade. Portanto, a família emerge como um espaço fundamental para a transmissão de hábitos, costumes, ideais, valores, padrões de comportamento e para a reprodução sobre papéis de gênero (Bruschini, 1981).

Tema 3 - Violência nos relacionamentos

Ao longo das oficinas, foi possível discutir as manifestações da violência considerando-se o gênero. É interessante notar que a análise destaca diferenças nas motivações entre os gêneros em cada tipo de violência. As motivações masculinas incluem insegurança, medo de perder, vício e diversão, enquanto as femininas estão associadas a ciúmes, medo de perder e discussão.

Participante 10. - *Em violência psicológica dos meninos, as meninas agem por insegurança ou por medo de perder. Em violência sexual eu coloquei eles agem por*

vicio ou diversão e das meninas elas agem por vicio, violência física eles agem por medo, diversão [...] A psicológica por ciúmes e por medo a perder, sexual coloquei como vicio e física por discussão.

Na pesquisa de Shoemaker et al. (2016) se destacou que participantes masculinos referiram o comportamento feminino como desencadeador de situações violentas nos relacionamentos afetivo-sexuais. Supostas características sedutoras e provocantes das mulheres adolescentes costumam justificar as situações de violência por parceiro íntimo. Desta maneira, as meninas são culpabilizadas pelas situações de violência, tidas como provocadas por elas.

A agressão verbal é compreendida como violência psicológica, o que converge com os achados de Oliveira et al. (2014), indicando que a verbal é a mais praticada pelos adolescentes de ambos os sexos nas dez cidades pesquisadas, tanto em estudantes da rede pública como particular. Portanto, a maioria das falas centra-se nos temas de ciúme, traição, fofocas e xingamentos como fatores que desencadeiam as agressões verbal e física.

Vemos que situações de violência podem ser desencadeadas por sentimento de ciúmes segundo as participantes por ambos os sexos:

Participante 6.- Na violência psicológica a gente botou preconceito tanto em menina como menino; violência sexual a gente botou abuso... e no feminino prostituição, violência física no masculino - age por não pensar. [...]Preconceito, desconfiança.

A expressiva incidência de vítimas e perpetradores de violência psicológica entre adolescentes do sexo feminino destaca a preocupante normalização desse fenômeno. Reforçando os resultados de um estudo internacional (Houssain, et.al, 2020), que revelou taxas significativamente mais altas de envolvimento das adolescentes em casos de violência psicológica no âmbito do namoro. Destaca-se que a violência psicológica é a forma de abuso mais prevalente entre os adolescentes, embora seja também a mais difícil de detectar,

manifestando-se por meio de situações como ciúmes, chantagem, comportamento controlador, ameaças, entre outras práticas. (Pérez et al., 2020)

Reforçando essa noção sobre a manifestação de violência estar associada aos ideais de gênero, as construções de gênero determinaram as agressões sofridas e perpetradas, possivelmente determinando também a naturalização e legitimação de tais agressões. (Brancaglioni & Fonseca, 2016). No trecho abaixo se discute a violência psicológica entre adolescentes em contexto amplo, e não quanto aos relacionamentos íntimos:

M.- Tá... e será que há violência psicológica de mulher para o homem, o que vocês pensam?

Participante 7. - Não para o menino mais popular, mas sim com aquele que é mais quietinho

M.- Então a mulher faz violência psicológica mais com os meninos....

Participante 8. - Inteligentes

Participante 7. - Que não gosta de ficar muito com outras pessoas

Participante 8. - Tímido

Participante 7. - Isso tímido, daquele que gosta de ficar sozinho e não com outras pessoas

Existe uma percepção de que a violência psicológica feminina pode ser mais seletiva, ocorrendo menos com meninos populares e mais frequentemente com aqueles que têm características específicas, como timidez e inteligência. Essas observações sugerem uma possível dinâmica na qual mulheres podem direcionar violência psicológica a homens com características percebidas como menos sociais, mais tímidos ou mais inteligentes. No entanto, é importante notar que a percepção dos participantes pode refletir estereótipos ou generalizações, e a violência psicológica pode ocorrer em qualquer contexto, independente das características individuais.

Uma possível explicação, apontada nos dois trabalhos citados, refere-se a uma maior aceitação social da violência quando perpetrada pelas mulheres. Homem agredir mulher é um ato geralmente visto como menos aceitável do que mulher iniciar violência contra o homem. Os resultados aqui apresentados reforçam tal hipótese, uma vez que os adolescentes participantes afirmaram que a humilhação ou a agressão praticada pelo homem é mais grave do que a praticada pela mulher em relações de namoro.

Contudo, mais estudos são necessários a fim de esclarecer o quanto a aceitação da violência feminina resulta em uma real maior prevalência de violência feminina, e o quanto influencia apenas nos relatos, o que levaria a valores irreais de prevalência da violência entre namorados adolescentes, devido a uma maior tendência de as meninas revelarem a violência praticada, enquanto os meninos omitiram a violência praticada por não ser aceita socialmente.

Em resumo, a discussão destaca a diversidade de manifestações de violência psicológica, sexual e física, considerando diferentes motivações e contextos. Além disso, observa-se uma ênfase nas dinâmicas de preconceito, desconfiança e humilhação como formas de violência psicológica, com nuances específicas nos exemplos dados para cada gênero.

A única dimensão de violência psicológica que apresentou diferença significativa no estudo de Barreira et al. (2014) entre os sexos foi a violência relacional, com os meninos apresentando mais altos índices, tanto de perpetração como de vitimização. Tais resultados, também observados por Schiff e Zeira (2005) em adolescentes escolares em risco (com problemas comportamentais ou de baixo rendimento escolar), pressupõem uma maior sensibilidade dos meninos em perceber a violência relacional. Outros autores já constataram que existe diferença de percepção da violência entre os sexos.

Essa abordagem ressalta a complexidade das dinâmicas de violência e destaca a importância de entender as motivações subjacentes para criar estratégias eficazes de prevenção e intervenção. Além disso, evidencia a necessidade de considerar a diversidade de experiências

individuais ao abordar questões relacionadas à violência de gênero.

Considerações Finais

Coordenar as oficinas foi uma experiência enriquecedora. Na verdade, esperava encontrar outra realidade. Percebi que a adolescência está muito mais ciente que gerações anteriores em relação a problemáticas sociais como a violência e a desigualdade de gênero, construindo uma consciência crítica e questionamentos sobre a realidade que eles estão vivenciando. Além disso, as participantes criticam atitudes machistas presentes nas dinâmicas familiares, destacando a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres no que diz respeito à permissão para namorar e às expectativas em relação aos papéis domésticos. Essas críticas apontam para a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as normas de gênero e a perpetuação de desigualdades dentro da família e da sociedade em geral.

A análise dessas reflexões destaca a complexidade das relações de gênero e a importância de uma abordagem crítica e reflexiva sobre as normas, expectativas e práticas que as moldam. A transformação dessas dinâmicas pode contribuir significativamente para promover a igualdade de gênero e promover uma visão crítica individual e coletiva.

Assim também uma particularidade que me chamou a atenção foram as críticas a uma época em que a tecnologia e a virtualização nos relacionamentos são muito mais praticadas, fugazes e pouco significativas e transcendentais. A reflexão sobre os impactos das redes sociais nos relacionamentos revela preocupações profundas relacionadas ao compromisso, respeito, confiança e expectativas. A falta de clareza na comunicação online pode gerar mal-entendidos e comprometer a construção de relacionamentos sólidos.

A exposição da intimidade devido às ações online de uma pessoa pode minar a confiança e resultar na divulgação inadequada de informações pessoais, evidenciando a fragilidade das interações virtuais. Além disso, os adolescentes reconhecem a dificuldade de

realmente conhecer alguém apenas através das redes sociais. Isso ressalta a distinção entre a persona online e a realidade, sugerindo que as redes sociais podem oferecer uma representação distorcida da vida real. A preocupação com a autenticidade das interações online levanta questões sobre a verdadeira natureza dos relacionamentos formados nesse ambiente virtual, enfatizando a importância da sinceridade e transparência nas comunicações online.

Os relacionamentos amorosos estão um pouco distantes da sua realidade já que a realidade é muito mais comum “ficar com uma pessoa”, além disso, as observações sobre a preferência por coisas mais fáceis e a falta de crença no amor como antes indicam uma mudança nos valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos e ao amor. Isso pode ser atribuído à influência da sociedade contemporânea, que muitas vezes valoriza a conveniência e a instantaneidade sobre o compromisso e a profundidade emocional. Portanto, essa reflexão sobre os valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos e ao amor serve como um indicador importante da forma como a sociedade contemporânea influencia a maneira como eles percebem e experimentam esses aspectos fundamentais da vida. Isso destaca a necessidade de abordar essas questões.

Em suma, essa experiência me proporcionou uma compreensão mais profunda das preocupações, valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos, gênero e amor. Isso destaca a necessidade premente de abordar essas questões de maneira crítica incentivando espaços nos que esta população possa expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos. A partir do que foi exposto aqui, é possível afirmar que o artigo atingiu seu objetivo, contribuiu para explicitar as compreensões dos adolescentes sobre os relacionamentos íntimos e suas preocupações.

Referências

- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 539-547. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000300018&lng=en&nrm=iso.
- Barros, M. E. B. de, & César, J. M. (2015). Pesquisa-Intervenção em dispositivos participativos: ensejando outras relações entre produção de conhecimento e educação / Intervention-Research on participatory mechanisms: occasioning other relations between knowledge and education. *Revista Polis e Psique*, 5(2), 171–192. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53953>
- Bordignon, C., & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisa e Prática Psicossocial*, 12(2), 310-326. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso.
- Bruschini, M. C. A. (1981). Teoria crítica da família. *Cadernos de Pesquisa*, (37), 98–100. Recuperado de: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1605>
- Cechetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface (Botucatu)*, 20(59), 853-864. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Costa, M. A., Rabelo, N. S., Moraes, I. C. M., Siqueira, F. C. M., & Cabral, E. S. M. (2014). Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(1), 123-132. Recuperado de: <https://doi.org/10.5902/2179769210216>
- Delgado, A. (2018). El sufrimiento de la mujer objeto. Consecuencias de la cosificación

sexual de las mujeres en los medios de comunicación. *Feminismo/s*, 31, 167-186.

Recuperado de: <https://doi.org/10.14198/fem.2018.31.08>

Franco, C. de P. (2013). Understanding digital natives' learning experiences. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 13(2), 643–658. <https://doi.org/10.1590/s1984-63982013005000001>

Freitas, M. V. de Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). *Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais* (2a ed.). Ação Educativa. Recuperado de: <https://bdae.org.br/handle/123456789/2556>

Fundação Abrinq. (2023). *Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2023* (1ª ed.). Recuperado de https://observatoriocrianca.org.br/system/library_items/files/000/000/035/original/cenario-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil-2023.pdf.pdf?1678125969

Grossi, M. P. (1998). *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC. Recuperado de: http://www.miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_d_e_genero_e_sexualidade.pdf

Guimarães, Á. da M., & Aleixo, L. da S. (2020). Redes sociais: influências na construção da identidade dos adolescentes. Trabalho de conclusão de curso [Psicologia]. Instituto Ensinar Brasil. . Recuperado de: [REDES SOCIAIS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES.pdf \(doctum.edu.br\)](https://repositorio.institutoensinar.org.br/bitstream/handle/123456789/12345/REDES_SOCIAIS_INFLUÊNCIAS_NA_CONSTRUÇÃO_DA_IDENTIDADE_DOS_ADOLESCENTES.pdf)

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying: A Review of the Legal Issues Facing Educators. Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth, 55(2), 71–78. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/233270709_Cyberbullying_A_Review_of_the_Legal_Issues_Facing_Educators#fullTextFileContent

- Javier-Juárez, P., Hidalgo-Rasmussen, C. A., Chávez-Flores, Y. V., Torres-Chávez, L., & Rosales-Damián, G. (2022). Relación entre el abuso cara a cara y digital en el noviazgo con la calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes mexicanos. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(8), 1-12. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0102-311xes071121>
- Leal, Z. F. R. G. (2010). *Educação escolar e constituição da consciência: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico-cultural* (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de: <https://doi.org/10.11606/T.47.2010.tde-26072010-145434>
- Magalhães, I. S. de. (2010). Entre a casa e o trabalho: a transmissão geracional do feminino. *Psicologia Clínica*, 22(2), 227–227. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/s0103-56652010000200027>
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>
- Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. Recuperado de: <https://doi.org/10.7476/9788579830365>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de, Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707–718. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmitificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Psicologia*, 38(133), 97-125. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vNqg6DJKX7zBLbvf57dwpJR/?format=pdf&lang=pt>
- Pérez-Marco, A., Soares, P., Davó-Blanes, M. C., & Vives-Cases, C. (2020). Identifying

- types of dating violence and protective factors among adolescents in Spain: A qualitative analysis of lights violence materials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 2443. Recuperado de: <https://doi.org/10.3390/ijerph17072443>
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6. Recuperado de: [Digital Natives, Digital Immigrants \(marcprensky.com\)](https://www.marcprensky.com/digital-natives-digital-immigrants/)
- Priotto, E. P. (2009). *Dinâmicas de Grupo Para Adolescentes* (7a ed.). Editora Vozes.
- Reis, R., & Ribeiro, M. (2017). Dos imaginários sobre a iniciação sexual: Intersecções de gênero, raça/cor e sexualidade entre jovens de camadas populares de Belém, Pará. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 25, 89-112. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.05.a>
- Rezende, Z. F., Facci, M. G. D., & Rebello, M. P. (2014). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação*. Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM. Recuperado de: <https://doi.org/10.7476/9788576286585>
- Rosa, G. A. M., & Santos, B. R. do. (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade: narcisismo, felicidade e elaboração psíquica. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 285-294. Recuperado de: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/25566/pdf_55
- Schiff, M., & Zeira, A. (2005). Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk Israeli youth. *Child Abuse & Neglect*, 29(11), 1249-1263. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.04.007>
- Silva, C. L. dos R. (2014). *Violência sexual infanto-juvenil: Compreendendo os discursos dos profissionais da rede de combate sobre os adolescentes homossexuais masculinos em situação de exploração sexual comercial na cidade do Recife* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Recuperado de:

<https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/29050/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Clebes%20dos%20Ramos%20Silva.pdf>

Silva, R. C. da. (2002). *Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania* (1ª ed.). São Paulo.

Silva, R. D. M. da, Lima, G. da S., & Silva, K. V. da. (2023). Representação de comportamentos violentos nas relações de intimidade entre adolescentes homossexuais da periferia do Recife. *Boletim do Tempo Presente*, 12(07), 55–69.
<https://ufs.emnuvens.com.br/tempopresente/article/view/19624/14610>

Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Recuperado de: <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>

Vasconcelos, L. L., Machado, D., Beck, J., & Cardoso, A. (2023). Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. *Interação em Psicologia*, 27(02) 242-251. Recuperado de: <https://doi.org/10.5380/riep.v27i3.87813>

Considerações finais

Durante meu mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, eu tive a oportunidade de conduzir um estudo aprofundado sobre os relacionamentos íntimos entre adolescentes frente à minha preocupação com a prevenção da violência entre eles. Esse trabalho envolveu inicialmente uma revisão da literatura existente, a condução de oficinas com adolescentes, a publicação de um artigo científico e a submissão de um segundo artigo.

Sobre a importância da prevenção da violência os resultados dos meus estudos revelaram que a violência entre parceiros íntimos é um problema sério e generalizado na adolescência. Isso é um alerta para a necessidade de intervenções específicas para esse público. Meu primeiro artigo, publicado na revista Eureka, abordou a importância da prevenção da violência entre parceiros íntimos na adolescência e identificou altos índices de violência física e psicológica entre adolescentes.

Enquanto explorava as estratégias e metodologias desenvolvidas no segundo artigo, tive uma experiência enriquecedora ao me aproximar de uma realidade totalmente diferente. Coordenar as oficinas foi uma experiência enriquecedora, como destaquei nas considerações deste segundo artigo, tendo em vista que minha expectativa era encontrar outra realidade. Deparei-me com adolescentes com maior consciência do que gerações anteriores em relação a problemáticas sociais como a violência, a desigualdade de gênero, há uma consciência crítica e um questionamento sobre a realidade que eles estão vivenciando.

Principalmente cabe destacar as preocupações que trazem as adolescentes que refletem uma série de estereótipos de gênero arraigados na sociedade, nos quais as mulheres são frequentemente associadas à responsabilidade pela reprodução e cuidado dos filhos. Além disso, as participantes criticam atitudes machistas presentes nas dinâmicas familiares, destacando a desigualdade de tratamento entre homens e mulheres no que diz respeito à permissão para namorar e às expectativas em relação aos papéis domésticos. Essas críticas

apontam para a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as normas de gênero e a perpetuação de desigualdades dentro da família e da sociedade em geral.

Portanto, a análise dessas reflexões destaca a complexidade das relações de gênero e a importância de uma abordagem crítica e reflexiva sobre as normas, expectativas e práticas que as moldam. A transformação dessas dinâmicas pode contribuir significativamente para promover a igualdade de gênero e promover uma visão crítica individual e coletiva.

Assim também uma particularidade que me chamou a atenção foram as críticas a uma época em que a tecnologia e a virtualização nos relacionamentos são muito, mas praticados, fugazes e pouco significativos e transcendentais.

A reflexão sobre os impactos das redes sociais nos relacionamentos revela preocupações profundas relacionadas ao compromisso, respeito, confiança e expectativas. A falta de clareza na comunicação online pode gerar mal-entendidos e comprometer a construção de relacionamentos sólidos. A exposição da intimidade devido às ações online de uma pessoa pode minar a confiança e resultar na divulgação inadequada de informações pessoais, evidenciando a fragilidade das interações virtuais. Além disso, os adolescentes reconhecem a dificuldade de realmente conhecer alguém apenas através das redes sociais. Isso ressalta a distinção entre a persona online e a realidade, sugerindo que as redes sociais podem oferecer uma representação distorcida da vida real. A preocupação com a autenticidade das interações online levanta questões sobre a verdadeira natureza dos relacionamentos formados nesse ambiente virtual, enfatizando a importância da sinceridade e transparência nas comunicações online.

Os relacionamentos amorosos estão um pouco distantes da sua realidade já que a realidade é muito mais comum "ficar com uma pessoa ", além disso, as observações sobre a preferência por coisas mais fáceis e a falta de crença no amor como antes indicam uma mudança nos valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos e ao amor. Isso

pode ser atribuído à influência da sociedade contemporânea, que muitas vezes valoriza a conveniência e a instantaneidade sobre o compromisso e a profundidade emocional.

Portanto, essa reflexão sobre os valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos e ao amor serve como um indicador importante da forma como a sociedade contemporânea influencia a maneira como eles percebem e experimentam esses aspectos fundamentais da vida. Isso destaca a necessidade de abordar essas questões.

Foi por tudo isso que percebi que os adolescentes já possuem uma visão mais crítica de sua realidade, questionando e se sentindo incomodados com as desigualdades sociais. Em especial, as adolescentes mulheres expressaram um sentimento de injustiça no trato da sociedade e de suas famílias.

Foi assim que esse sentimento de injustiça ressoou profundamente em mim, pois me lembrou do meu desejo de mudar, melhorar e questionar ativamente o sistema heteronormativo que inspirou este trabalho desde o começo. Foi gratificante ver que esta geração tem um grande potencial para desafiar e eliminar antigos padrões que legitimam a violência de gênero.

Penso que a realidade com os adolescentes bolivianos está ligeiramente atrasada, pois é um país que é tradicionalmente machista e que dificilmente impulsiona novas gerações a questionar e a participar ativamente, sinto que apenas se está começando nas escolas e famílias a desafiar este sistema que por tanto tempo moldou a nossa sociedade.

Destaquei, então, a importância de abordagens com perspectiva de gênero e a necessidade de programas educativos que promovam relacionamentos saudáveis entre os adolescentes.

Meus objetivos foram claramente definidos desde o início e acredito que foram atingidos de maneira satisfatória. Eles incluíam identificar e mapear a incidência da violência entre parceiros íntimos na adolescência, desenvolver e avaliar intervenções para prevenir a violência e promover relacionamentos saudáveis entre os adolescentes, este ponto não foi

possível já que pouco eu conhecia sobre a realidade dos adolescentes pelo que foi mais exploratório e não uma ação de intervenção preventiva.

Meu trabalho de mestrado trouxe várias contribuições importantes. Em termos de contribuição teórica, a revisão da literatura realizada forneceu uma base para entender a dinâmica da violência entre parceiros íntimos na adolescência contextualizado a realidade brasileira. Na prática, as oficinas desenvolvidas e implementadas ofereceram uma metodologia prática que pode ser replicada em diferentes contextos para explorar as situações de violência entre adolescentes. Em termos de políticas públicas, os resultados da pesquisa sugerem a necessidade de programas de prevenção da violência desde a adolescência.

A condução das oficinas apresentou vários desafios e aprendizados. Um dos maiores desafios foi lidar com a resistência inicial dos adolescentes em discutir os temas por causa da timidez. Superar essa barreira exigiu uma abordagem sensível e a criação de um ambiente seguro e acolhedor. A principal limitação da pesquisa foi o tempo relativamente curto para a avaliação dos impactos das oficinas, assim como reunir adolescentes de idades que variavam desde os 13 anos completos até os 18 anos incompletos, pelo que sugiro trabalhar com adolescentes que tenham a mesma idade por separado para melhores resultados. Estudos futuros poderiam se beneficiar de um acompanhamento longitudinal para medir mudanças comportamentais e atitudes ao longo do tempo.

Destaco aqui outras dificuldades que encontrei ao longo da pesquisa de campo. As oficinas foram altamente produtivas apesar de alguns inconvenientes: no início das tratativas, o diretor da escola sugeriu que as oficinas fossem acompanhadas por um professor da escola, assim como as entrevistas iniciais com os estudantes. Esclareci que o termo de assentimento visa proteger a identidade e confidencialidade das informações compartilhadas pelos participantes menores de 18 anos durante as entrevistas, e que o TCLE assinado pelos responsáveis legais também alerta para a questão do sigilo quanto à identidade. Após essa

conversa, ficou estabelecido que a presença de terceiros nas entrevistas e nas oficinas não seria possível, dado nosso compromisso ético com as Resoluções que sustentam a submissão do projeto e sua aprovação para realização. Outros fatores externos representaram algumas dificuldades no transcurso das oficinas como o barulho vindo da rua, do ventilador ou dos recreios dos estudantes do turno da tarde. Isso não impediu o meu encontro com os adolescentes e a produção de muita informação ao longo das seis sessões propostas. O grupo de estudantes, no começo, foi bastante tímido e os adolescentes falavam ao mesmo tempo para emitir suas ideias, sendo necessário relembrar nosso combinado algumas vezes. Cabe destacar que os encontros foram gravados em áudio com dois aparelhos, o primeiro um gravador de áudio convencional e um tablete; apesar disso tem partes inaudíveis que não foram transcritas, ainda que eu as tenha escutado por muitas vezes.

Sugiro que futuras pesquisas explorem intervenções de longo prazo e avaliem seu impacto contínuo na prevenção da violência. Além disso, seria interessante investigar como a inclusão de outras figuras importantes na vida dos adolescentes, como pais e professores, pode potencializar os efeitos das intervenções.

Em resumo, meu estudo contribuiu para melhor entender a dinâmica da violência entre parceiros íntimos na adolescência e identificar possíveis estratégias eficazes para prevenir essa violência. Acredito que esses resultados podem inspirar mudanças positivas na forma como lidamos com essa questão em nossas comunidades. No entanto, é importante lembrar que o trabalho não terminou com o mestrado. É necessário continuar desenvolvendo intervenções mais eficazes e avaliando seus impactos contínuos. Além disso, é fundamental trabalhar em parceria com outros profissionais e comunidades para promover mudanças mais amplas na sociedade.

Essa é uma jornada longa e desafiadora, mas eu estou convicta de que o esforço vale a pena. Afinal, podemos mudar as vidas dos adolescentes e construir uma sociedade mais justa

e pacífica.

Em suma, essa experiência me proporcionou uma compreensão mais profunda das preocupações, valores e perspectivas dos adolescentes em relação aos relacionamentos, gênero e amor. Isso destaca a necessidade premente de abordar essas questões de maneira crítica e incentivar espaços nos quais esta população possa expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos.

Referências

- Almeida, J. S. (2011). As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*. 31, 165-181. Recuperado de: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132>
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 539-547. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000300018&lng=en&nrm=iso.
- Barreira, A. K., et al. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(2), 235-244. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dd7q7nNNGJNvKHvp6mzR4yB/?lang=en>
- Barros, M. E. B. de, & César, J. M. (2015). Pesquisa-Intervenção em dispositivos participativos: ensejando outras relações entre produção de conhecimento e educação / Intervention-Research on participatory mechanisms: occasioning other relations between knowledge and education. *Revista Polis e Psique*, 5(2), 171–192. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53953>

- Belisse, C. L. (2009). *Atividade precoce na adolescência: a importância da educação sexual nas escolas*. Recuperado de: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf>
- Bordignon, C., & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisa e Prática Psicossocial*, 12(2), 310-326. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso.
- Brancaglioni, B. D. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: Uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(5), 946–955. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Bruschini, M. C. A. (1981). Teoria crítica da família. *Cadernos de Pesquisa*, (37), 98–100. Recuperado de: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1605>
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. D. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(59), 853–864. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Costa, M. A., Rabelo, N. S., Moraes, I. C. M., Siqueira, F. C. M., & Cabral, E. S. M. (2014). Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. *Revista de Enfermagem da UFMS*, 4(1), 123-132. Recuperado de: <https://doi.org/10.5902/2179769210216>

- Delgado, A. (2018). El sufrimiento de la mujer objeto. Consecuencias de la cosificación sexual de las mujeres en los medios de comunicación. *Feminismo/s*, 31, 167-186. Recuperado de: <https://doi.org/10.14198/fem.2018.31.08>
- Dragunova, T. & Petrovski, A. (1985). *Psicologia Evolutiva y Pedagogica*. Editorial Progreso. Recuperado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4905268/mod_resource/content/4/LA%20PSICOLOGIA%20EVOLUTIVA%20Y%20PEDAGOGICA%20EN%20LA%20URSS%2C%20traduzido%20por%20Marta%20Shuar%20e.pdf
- Fereday, J., & Muir-Cochrane, E. (2016). Demonstrating Rigor Using Thematic Analysis: a Hybrid Approach of Inductive and Deductive Coding and Theme Development. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(1), 80–92. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/160940690600500107>
- Franco, C. de P. (2013). Understanding digital natives' learning experiences. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 13(2), 643–658. <https://doi.org/10.1590/s1984-63982013005000001>
- Freitas, M. V. de Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). *Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais* (2a ed.). Ação Educativa. Recuperado de: <https://bdae.org.br/handle/123456789/2556>
- Fundação Abrinq. (2023). *Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2023* (1ª ed.). Recuperado de https://observatoriocrianca.org.br/system/library_items/files/000/000/035/original/cenario-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil-

[2023.pdf.pdf?1678125969](#)

Gaeta González, L., & Galvanovskis Kasparane, A. (2009). Asertividad: Un análisis teórico-empírico. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 14(2), 403-425. Recuperado de:

<https://www.redalyc.org/pdf/292/29211992013.pdf>

Garcia, L. P., Duarte, E. C., Freitas, L. R. S. de, & Silva, G. D. M. da. (2016). Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4). 1-11 <https://doi.org/10.1590/0102-311x00011415>

Grossi, M. P. (1998). Identidade de Gênero e Sexualidade. *Coleção Antropologia em Primeira Mão*. PPGAS/UFSC. Recuperado de: http://www.miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf

Guimarães, Á. da M., & Aleixo, L. da S. (2020). *Redes sociais*: influências na construção da identidade dos adolescentes. Trabalho de conclusão de curso [Psicologia]. Instituto Ensinar Brasil. Recuperado de: [REDES SOCIAIS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES.pdf \(doctum.edu.br\)](#)

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying: A Review of the Legal Issues Facing Educators. Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth, 55(2), 71–78. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/233270709_Cyberbullying_A

[Review of the Legal Issues Facing Educators#fullTextFileContent](#)

Javier-Juárez, P., Hidalgo-Rasmussen, C. A., Chávez-Flores, Y. V., Torres-Chávez, L., & Rosales-Damián, G. (2022). Relación entre el abuso cara a cara y digital en el noviazgo con la calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes mexicanos. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(8). Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/0102-311xes071121>

Jusbrasil. (2010) Para ONU, Lei Maria da Penha é uma das mais avançadas do mundo. Revisado abril 16, 2023, de <https://ibdfam.jusbrasil.com.br/noticias/2110644/para-onu-lei-maria-da-penha-e-uma-das-mais-avancadas-do-mundo>

Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

Leal, Z. F. R. G. (2010). *Educação escolar e constituição da consciência*: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico-cultural (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de: <https://doi.org/10.11606/T.47.2010.tde-26072010-145434>

- Lliebre, A. M. (2003). Prevención de la violencia de género en adolescentes. *Revista de Estudios de Juventud*, 143-150. Recuperado de: <https://www.injuve.es/sites/default/files/art11.pdf>
- Magalhães, I. S. de. (2010). Entre a casa e o trabalho: a transmissão geracional do feminino. *Psicologia Clínica*, 22(2), 227–227. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/s0103-56652010000200027>
- Ministério de Saúde. (2010). *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*. Recuperado de: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf
- Mônego, B. G., & Teodoro, M. L. M. (2011). A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. *Psico-USF*, 16(1), 97–105. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712011000100011>
- Murta, S. G., B. R. P. dos. Nobre, L. A., Araújo, I. F. de Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. De O., & Franco, C.T. P. (2013). Prevenção a violência no namoro e promoção de habilidades de vida adolescentes. *Psicologia USP*, 24, 263-288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>
- Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. Recuperado de: <https://doi.org/10.7476/9788579830365>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na

- adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707–718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Oliveira, R. N. G. D., Gessner, R., Brancaglioni, B. D. C. A., Fonseca, R. M. G. S. D., & Egry, E. Y. (2016). Preventing violence by intimate partners in adolescence: An integrative review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 50(1), 134–143. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000100018>
- OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. (2021). Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-violencia>
- Ozella, S. (2003). *Adolescências construídas: A visão da psicologia sócio-histórica*. Editora Cortez.
- Ozella, S., & Junqueira de Aguiar, W. M. (2008). Desmitificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Psicologia*, 38(133), 97-125. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vNqg6DJKX7zBLbv57dwpJR/?format=pdf&lang=pt>
- Pérez-Marco, A., Soares, P., Davó-Blanes, M. C., & Vives-Cases, C. (2020). Identifying types of dating violence and protective factors among adolescents in Spain: A qualitative analysis of lights4violence materials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(7), 2443. Recuperado de: <https://doi.org/10.3390/ijerph17072443>
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6. Recuperado de: [Digital Natives, Digital Immigrants](#)

(marcprensky.com)

Priotto, E. P. (2009). *Dinâmicas de Grupo para adolescentes* (7a ed.). Editora Vozes.

Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, (2021). *Relatório Estatístico: Diagnóstico da violência doméstica e familiar contra a mulher nas Regiões Integradas de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais*. Recuperado de: DIAGNOSTICO - VDFCM nas RISPs - 1 semestre-2021 - 2021-08-06 1.pdf (seguranca.mg.gov.br)

Prefeitura de Uberlândia, fazer mais, fazer bem. (s/f). Gov.br. Recuperado o 6 de novembro de 2022, de <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/governo-e-comunicacao/salve-maria/>

Reis, R., & Ribeiro, M. (2017). Dos imaginários sobre a iniciação sexual: Intersecções de gênero, raça/cor e sexualidade entre jovens de camadas populares de Belém, Pará. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 25, 89-112. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.05.a>

Rezende, Z. F., Facci, M. G. D., & Rebello, M. P. (2014). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação*. Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM. Recuperado de: <https://doi.org/10.7476/9788576286585>

Rocha, L. (2022). *Uma a cada quatro mulheres no mundo sofreu violência por parceiro, diz estudo*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/uma-a-cada-quatro-mulheres-sofreu-violencia-por-parceiro-intimo-diz-estudo/>

Rosa, G. A. M., & Santos, B. R. do. (2015). Repercussões das redes sociais na

- subjetividade: narcisismo, felicidade e elaboração psíquica. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 285-294. Recuperado de: http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/25566/pdf_55
- Rossato, M., & Martinez, A. M. (2018). Contribuições da metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 65–78. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.04>
- Schiff, M., & Zeira, A. (2005). Dating violence and sexual risk behaviors in a sample of at-risk *Israeli youth*. *Child abuse & Neglect*, 29(11), 1249–1263. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.04.007>
- Schoenmaker, M. et al. (2016). *A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online* | CIAIQ2016. <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/819>
- Silva, C. L. dos R. (2014). *Violência sexual infanto-juvenil: Compreendendo os discursos dos profissionais da rede de combate sobre os adolescentes homossexuais masculinos em situação de exploração sexual comercial na cidade do Recife* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Recuperado de: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/29050/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Clebes%20dos%20Ramos%20Silva.pdf>
- Silva, R. C. da. (2002). *Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania* (1ª ed.). São Paulo.
- Silva, R. D. M. da, Lima, G. da S., & Silva, K. V. da. (2023). Representação de comportamentos violentos nas relações de intimidade entre adolescentes

homossexuais da periferia do Recife. *Boletim do Tempo Presente*, 12(07), 55–69.

<https://ufs.emnuvens.com.br/tempopresente/article/view/19624/14610>

Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67.

Recuperado de: <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>

Teixeira, S. A. M., & Taquette, S. R. (2010). Violência e atividade sexual desprotegida em adolescentes menores de 15 anos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 56(4), 440–446.

<https://doi.org/10.1590/s0104-42302010000400017>

UNESP. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos. Faculdade de Ciencias Agronómicas. Campus Botucatu. (2015) Tipos de revisão de literatura.

Recuperado de: [tipos-de-evisao-de-literatura.pdf](https://www.unesp.br/biblioteca-prof-paulo-de-carvalho-mattos/faculdade-de-ciencias-agronomicas/campus-botucatu/Tipos-de-revisao-de-literatura.pdf) (unesp.br)

Vasconcelos, L. L., Machado, D., Beck, J., & Cardoso, A. (2023). Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes.

Interação em Psicologia, 27(02). Recuperado de: <https://doi.org/10.5380/riep.v27i3.87813>

Winnicott, D. W. (2021). *A Criança e o Seu Mundo* (7th ed.). Grupo GEN.

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788521637882>

Apêndice 1: Roteiros para Entrevista

(A) ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O DIRETOR

1. Há quantos anos trabalha na escola?
2. Que características diferenciam a essa escola das outras e porquê?
- 2a) Número total de alunos
- 2b) Número total de series/ turmas e seus turnos
3. Quais são as aprendizagens que considera mais importantes a que os alunos tenham acesso para além das matérias ofertadas pela escola? porquê?
4. Houve casos de violência na escola? 4a) Se sim, pode falar sobre esse acontecimento? 4b) Que tipo de violência? 4c) Como agiu a escola? por quê?
- 4d) Houve seguimento/acompanhamento do caso?
- 4e) A escola tem algum protocolo de atuação ante essas situações? Quais?
5. Considera importante trabalhar a prevenção de violência?

(B) ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

1. Quantos anos trabalha na escola?
2. Qual é a matéria que ensina?
3. Como considera sua relação com os estudantes? Fale um pouco sobre isso.
4. Houve casos de violência na escola? 4a. Pode me falar sobre esse acontecimento? 4b. Que tipo de violência? 4c quem estava envolvido? 4d como foi que aconteceu?
5. Os professores têm alguma orientação previa para afrontar esse tipo de situações?
6. Como você agiu?
7. Houve algum seguimento ao caso?
- 7a Que conduta foi tomada pela escola?
8. Alguma vez o estudante procura você por causa de viver violência?

(C) ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O ESTUDANTE

1. Como você sente que a relação dos estudantes na sua turma?

2. Como você descreveria sua turma? por quê?
3. Sua turma é unida ou tem grupos? Fale um pouco sobre a convivência entre colegas
 - 3a) Seus colegas trabalham bem em grupo?
 - 3b) Há rivalidades entre companheiros de aula? Como?
 - 3 c) Você percebe que há conflitos entre os seus companheiros? Como?
4. Você sabe se algum aluno da escola foi ou é frequentemente agredido ou insultado por companheiros, família ou namorado?
5. Tem companheiros da sua turma que namoram?
6. Como deveria ser um relacionamento afetivo que na sua visão, possa ser visto como saudável?

**Apêndice 2: TERMOS DE CONSENTIMENTO/ ASSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada **“ANÁLISE E ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS EM ADOLESCENTES”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mariana Isabel Sainz Beserra e Renata Pegoraro.

Nesta pesquisa nós estamos buscando planejar e implementar uma intervenção no formato de oficinas com adolescentes para a promoção de relações saudáveis entre parceiros e prevenção de violência.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisador Mariana Isabel Sainz Beserra e será realizado na escola na qual o adolescente está matriculado localizado em Uberlândia entre o período de [1/06/2023] a [15/02/2024].

Você terá o tempo que for necessário para decidir se a pessoa sob sua responsabilidade participará ou não da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo III da Resolução nº 510/2016).

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) terá a oportunidade de responder algumas perguntas sobre a turma onde estuda, a interação entre colegas, o que seria para você um relacionamento afetivo/namoro saudável. Essa entrevista nos ajudará conhecer um pouco sobre a escola e os alunos para a etapa seguida da pesquisa que consiste em oferecer oficinas sobre relacionamentos saudáveis e prevenção de violência.

O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Em nenhum momento, nem o(a) menor e nem você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua será preservada.

Nem ele(a) e nem você terá gastos e nem ganhos financeiros por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem em possível constrangimento, sentimentos negativos por causa de se identificar com algumas problemáticas mais é possível minimizar esses efeitos com conversas e esclarecimentos de dúvidas com a pesquisadora. Além disso é garantido ao participante deixar de responder alguma questão feita pela pesquisadora ou interromper sua participação a qualquer momento. Outro risco é identificação do participante e para minimizar esse risco serão adotados nomes fictícios ou apelidos para o momento da publicação dos resultados.

Os benefícios serão promover o empoderamento e participação ativa dos jovens sobre questões de saúde social, obter novos conhecimentos a traves de didáticas e debates, promover o autoconhecimento para poder tomar decisões mais conscientes, conhecer novas teorias em relação a escolhas mais saudáveis promovendo o bem-estar na saúde mental.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido, nem que haverá prejuízo ao(a) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade da pesquisa.

O(A) menor sob sua responsabilidade também poderá retirar seu assentimento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, ela também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Mariana Isabel Sainz Beserra (34) 993037972 ou a orientadora do projeto Renata Pegoraro Av. Pará, 1720 - Bloco 2C, Sala 47, Bairro Umuarama, Uberlândia - MG, CEP 38405-320, Telefone: (34) 3225-8534, E mail: renata.pegoraro@ufu.br

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“ANÁLISE E ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS EM ADOLESCENTES”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mariana Isabel Sainz Beserra e Renata Pegoraro.

Nesta pesquisa nós estamos buscando analisar as características teóricas e técnicas que tem que contemplar um programa de intervenção para a promoção de relacionamentos saudáveis em adolescentes de 13 a 14 anos.

O Termo/Registro de Assentimento está sendo obtido pelo pesquisador Mariana Isabel Sainz Beserra e será realizado na escola “ ” localizado em entre o período de [15/02/2023] a [15/02/2024]. Você tem o tempo que for necessário para decidir participar ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo III da Resolução nº 510/2016).

Na sua contribuição ao conhecimento e a ciência, você terá a oportunidade de participar de dinâmicas, atividades e discussões em relação ao estudo e características dos relacionamentos saudáveis (aspectos, fatores, importância). Sendo que as atividades das oficinas incluíram questionários, leituras, jogos, testes, atividades de autoconhecimento e reflexão.

As atividades terão uma duração de 1 hora com recesso de 10 minutos uma vez por semana os dias_. Durante_meses.

As oficinas serão gravadas em áudio para a coleta, transcrição e análise dos dados. Essa informação ajudará a melhorar e complementar futuros programas de intervenção para outros adolescentes.

O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

É compromisso do pesquisador responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Já que o objetivo principal é aprender juntos.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem em possível constrangimento, sentimentos negativos por causa de se identificar com algumas problemáticas mais é possível minimizar esses efeitos com conversas e esclarecimentos de dúvidas com a pesquisadora.

Os benefícios serão promover o empoderamento e participação ativa dos jovens sobre questões de saúde social, obter novos conhecimentos a traves de didáticas e debates, promover o autoconhecimento para poder tomar decisões mais conscientes, conhecer novas teorias em relação a escolhas mais saudáveis promovendo o bem-estar na saúde mental.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser.

Uma via original deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Mariana Isabel Sainz Beserra (34) 993037972 ou a orientadora do projeto Renata Pegoraro (34) 996693078.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS**

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da intitulada **“ANÁLISE E ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS EM ADOLESCENTES”**, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mariana Isabel Sainz Beserra e Renata Pegoraro.

Nesta pesquisa nós estamos buscando analisar as características teóricas e técnicas que tem que contemplar um programa de intervenção para a promoção de relacionamentos saudáveis em adolescentes de 13 a 14 anos.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisador Mariana Isabel Sainz Beserra e será realizado na escola “_” localizado em entre o período de [15/02/2023] a [15/02/2024]

Você terá o tempo que for necessário para decidir se a pessoa sob sua responsabilidade participará ou não da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo III da Resolução nº 510/2016).

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) terá a oportunidade de participar de dinâmicas, atividades e discussões em relação ao estudo e características dos relacionamentos saudáveis (aspetos, fatores, importância). Sendo que as atividades das oficinas incluíram questionários, leituras, jogos, testes, atividades de autoconhecimento e reflexão.

O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Em nenhum momento, nem o(a) menor e nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua serão preservadas.

É compromisso do pesquisador responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Nem ele(a) e nem você terão gastos e nem ganhos financeiros por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os riscos consistem em ter a oportunidade de participar de dinâmicas, atividades e discussões em relação ao estudo e características dos relacionamentos saudáveis (aspectos, fatores, importância). Sendo que as atividades das oficinas incluíram questionários, leituras, jogos, testes, atividades de autoconhecimento e reflexão.

Os benefícios serão promover o empoderamento e participação ativa dos jovens sobre questões de saúde social, obter novos conhecimentos a través de didáticas e debates, promover o autoconhecimento para poder tomar decisões mais conscientes, conhecer novas teorias em relação a escolhas mais saudáveis promovendo o bem-estar na saúde mental.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido, nem que haverá prejuízo ao(a) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade da pesquisa.

O(A) menor sob sua responsabilidade pode se recusar a continuar participando da pesquisa, se manifestando verbalmente ou por meio de gestos, que indiquem esse desejo. Ele(a) não sofrerá qualquer prejuízo ou coação

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Mariana Isabel Sainz Beserra (34) 993037972 ou a orientadora do projeto Renata Pegoraro (34) 996693078. Assim também eu Mariana Isabel Sainz Beserra estarei disponível a terça feira _____ na escola nos horários de para poder agendar uma reunião e só falar pelo WhatsApp.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

Apêndice 3: Planejamento das oficinas

OFICINA I

OBJETIVO. - Conhecer a turma, apresentação de atividades e proposta

DINAMICA I

Apresentação. A orientadora se apresentará aos estudantes

- Nome
- Nacionalidade. Breve descrição da Bolívia e minha cidade La Paz apresentação de fotos música e comida típicas, BREVE descrição da minha vida e história.
- Apresentação dos estudantes.
 1. Nome
 2. Idade
 3. Comida favorita
 4. Quem é você?

Apresentação de trabalho como proposta inicial

Se explicara aos estudantes

- Objetivos das oficinas conhecer sobre:

- Relacionamentos entre parceiros

Que eu sei sobre relacionamentos?

Onde aprendi isso?

Falemos sobre nossas experiencias

- O que é masculino, o que é feminino?
- Violência

Tipos

Prevenção

- O que eu preciso saber (mas) sobre mim?
- O que preciso saber do outro?
- Liberdade, existe?

DEPOIS PERGUNTAR:

QUAIS TEMÁTICAS ELES QUEREM ABORDAR PARA ALÉM DA PROPOSTA DA PESQUISA?

QUAIS SÃO SUAS EXPETATIVAS

- *O que vocês acham dessa ideia?*
- *Anotar*
- *Pensar*
- *Justificar*
- *Opinião da turma*
- *Fazer e desenhar a segunda proposta*

DINÂMICA II – CONTRATO ENTRE PESQUISADORA E PARTICIPANTES

- Especificar quanto tempo serão os encontros

- Especificar que dias serão os encontros
- Mencionar que serão atividades diferentes por cada encontro
- Oferecer um espaço de bate-papo além dos encontros
- Nossas regras de convivência, ética respeito, confidencialidade, confiança, no-julgamentos, pontualidade, não telefone, escuta. PERGUNTAR se está faltando algum.
- Atividades de grupo. Criatividade, trabalho em equipe, compromisso nas atividades.
- Feedback avaliação da atividade, avaliação pessoal, subgerência e aportes. (perguntar se eles já usaram o formulário).

O QUE É UM RELACIONAMENTO?

OBJETIVO. - Saber o conceito que os adolescentes têm em relação a relacionamento.

DINÂMICA III

Estudo de caso, se apresentarão os resumos de filmes famosos da Disney que tem como temática o romance e como protagonistas casais, o objetivo é motivar aos estudantes a:

- a) definir os protagonistas: Atitudes, pensamentos e atos dentro da história de amor
- b) definir o problema, quais são os fatores negativos na sua percepção (motivar o debate e discussão)
- c) Perguntar se tem fatores positivos quais, por quê?
- d) Que deveriam fazer as personagens?

Resumo do filme – cenas chave – personagens o final

Perguntas caso que...

- Será que nessa história a moça é muito passiva?
- Será que na realidade é assim?
- Existe príncipe na realidade?
- Eles já viram o conhecem a história de um casal "DISNEY"
- Como influenciou as crianças essa ideia de amor da Disney?
- Será que hoje é assim?
- Como podemos reescrever essa história na atualidade?
- Como mudaram o papel do homem e da mulher nos relacionamentos

Sessão avaliativa.

OFICINA II

ELEÇÃO DE PARCEIRO ATRAVÉS DO TEMPO

OBJETIVO. – Conhecer a o significado da palavra flerte a través de tempestade
Tempestade de ideias elaborar uma definição atual dos adolescentes.

DINÂMICA I

FLERTANDO NOS ANOS DA MINHA AVÓ

Vamos conhecer a história da minha avó, um dia conversando fiquei curiosa sobre como meu avô e minha avó se conheceram.

- Avó, me conta como você e meu avô se conheceram?



- Ai filha que boas lembranças, nessa época eu tinha 17 anos eu estudava no colégio, naquela época as escolas eram só para mulher ou para homens, seu avô era jovem e muito bonito ele estudava num colégio a duas quadras.

Toda vez que acabavam as aulas, ele me esperava na frente da minha escola, como naquela época não tinha celular nem nada do tipo, era importante marcar antes.

Primeiro começamos como amigos, conversamos sobre vários assuntos, ele me mandava um buquê de flores, às vezes me comprava uma caixa de bombons, escrevia cartas com belos poemas, mas o mais lindo foi quando ele me cantou, fora da minha casa. E foi assim passaram 5 meses e ele me pediu em namoro e eu disse a ele que pensaria

nisso, porque na época a mulher tinha que jogar difícil, mas era óbvio que eu realmente gostava dele porque ele era um homem que vinha de uma família respeitável.

Perguntas

- Vocês sabem que antes os romances eram desse jeito?
- Já ouviram uma história parecida por parte dos seus avos ou outras pessoas, telenovelas etc.?
- Na atualidade é assim? Sim, não, por quê?
- Por que mudou tudo isso, que aconteceu?
- Antigamente quem tinha que tomar a iniciativa para que rolhasse um namoro era o homem. Agora é assim? Sim, não, por quê?
- Meu avô pediu namoro depois de flertar 5 meses com minha avó. Na atualidade os tempos serão diferentes o que vocês acham?
- Quais eram os meios que esses adolescentes tinham para conhecer e namorar outras pessoas?
- Quais são os meios que agora as pessoas usam para conhecer e namorar a uma pessoa?

DINAMICA II

Dividir em grupos e pedir que escrevam um relato com a seguinte pergunta:

Imagina que daqui a uns 60 anos seu neto fará a mesma pergunta para você. O que você contaria a ele?

Especificando:

Como, por qual meio?

Quando?

Onde?

Como eram os encontros românticos?

Expor os relatos e logo fazer uma votação sobre o relato mais original, detalhado, divertido e realista ao contexto atual.

OFICINA III AUTOCONHECIMENTO

QUE PROCURAMOS HOJE?

OBJETIVO. – Construir o significado/definição de namoro através de uma tempestade de ideias. MENTIMETER

DINAMICA I

Compartilhar na tela o QR, promover as seguintes perguntas:

- Como podemos analisar todas as palavras?
- Que relação tem essas definições com o conceito de namoro?
- A partir das palavras pensar em um conceito, definição.

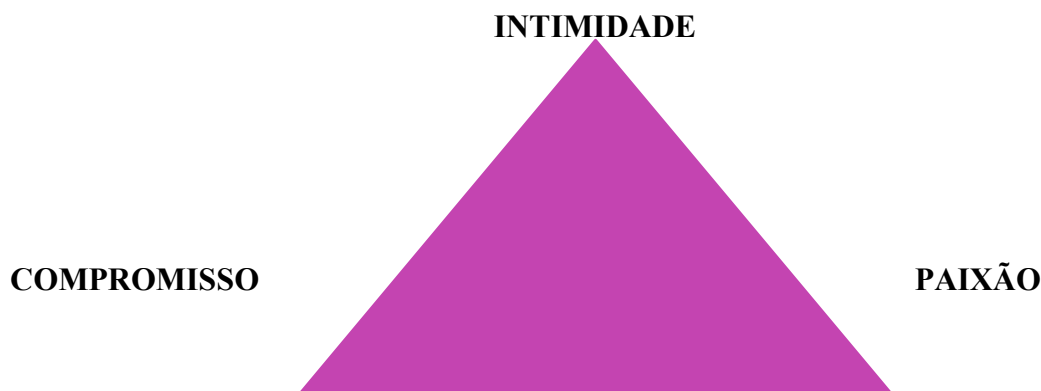
TEORIA DO AMOR SEGUNDO STERNBERG (1989)

OBJETIVO. -

DINAMICA II

A teoria chamada "O Triângulo Amoroso" consiste em três componentes: Intimidade, Paixão e Compromisso. Esses três elementos desempenham um papel fundamental no amor e estão acima de outros atributos (Serrano & Carreño, 1993).

Esses três componentes ocupariam os vértices do suposto triângulo. A área do triângulo indica a quantidade de amor sentida por um sujeito e sua forma geométrica. Dessa forma, os relacionamentos amorosos são definidos tanto pela intensidade quanto pelo equilíbrio dos elementos. Os triângulos amorosos variam em tamanho e forma.



Intimidade

Privacidade

1. Desejo de promover o bem-estar da pessoa amada.
2. Sentimento de felicidade com a pessoa amada.
3. Compreensão mútua com a pessoa amada.
4. Dar a si mesmo e seus bens ao ente querido.
5. Grande respeito pela pessoa amada
6. Capacidade de contar com a pessoa amada em momentos de necessidade
7. Valorização da pessoa amada

8. Recepção de apoio emocional da pessoa amada
9. Comunicação íntima com a pessoa amada
10. Entrega de apoio emocional amada

Paixão

A paixão é a atração física e o intenso desejo de união. É também a excitação, a euforia e o êxtase que acompanham a união ou a presença da pessoa amada. A ausência dela causa ansiedade, sensação de vazio e desespero. O desejo sexual pode estar na base desse componente; no entanto, podem existir outros elementos que também promovem a paixão (Pallarés, 2012)

Compromisso

O componente de decisão e compromisso contém dois aspectos: curto prazo e longo prazo. O primeiro aspecto (curto prazo) implica a decisão de amar outra pessoa, enquanto o segundo aspecto (longo prazo) implica o compromisso de manter esse amor. Esses aspectos não necessariamente ocorrem simultaneamente, pois a decisão de amar não implica que haverá um compromisso para esse amor e ter um compromisso para o relacionamento não implica que houve uma decisão de amar como no caso dos casamentos arranjados (Sternberg, 1989).

RELACIONAMENTOS NAS REDES SOCIAIS DINAMICA III

Se pedirá aos estudantes pensar como se manifestam os 3 componentes do Sternberg (1989) na realidade, e como esses três componentes se dão o se mostram a través de redes sociais.



PERGUNTAS

- Como é ter um relacionamento no Instagram?
- Como é ter um relacionamento no Facebook?
- Como e ter um relacionamento no Tic Tok?
- Como as redes sociais influenciam no relacionamento?
- Que componentes podem ser positivamente desenvolvidos nas redes sociais?
- Que componentes podem ser negativamente afetados por causa das redes sociais?
- O uso de redes sociais poderia fazer que uma pessoa cometa atos violentos? Quais violências poderiam ocasionar?
- Privacidade?
- Pressão social?
- Fotos, curtidas, comentários?

OFICINA IV MITOS E CRENÇAS

O que se fala sobre?

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR QUE “os opostos se atraem?”

“em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”

“a metade da minha laranja”

“você é minha alma gêmea”

“nós contra o mundo”

“o amor tudo pode”

“só existe um amor da sua vida”

Perguntar aos estudantes:

- Conhecem outros ditos?
- Que opinam sobre isso?
- Como influencia este dizer na escolha do parceir@?
- Como influencia a dinâmica do relacionamento? É positivo ou negativo?

Sessão avaliativa, fechamento da sessão. FORMATO GOOGLE FORMS será enviado depois de cada sessão.

AUTOCONHECIMENTO QUEM SOU EU, MEUS DIREITOS

Dinâmica. - Expor os 14 direitos, dividir três grupos e sortear para logo os estudantes fazer uma dramatização de como na realidade esses direitos não se cumprem, difícil, não deu conta e que conseguiram a partir da suas experiências.



Parejas sanas, parejas felices

Dereitos básicos de assertividade:

1. Considere suas próprias necessidades.
2. Mudar de opinião.
3. Expressar ideias e sentimentos.
4. Diga não a um pedido, sem se sentir culpado.
5. Ser tratado com respeito e dignidade.
6. Cometer erros.
7. Peça e dê quando cada um decidir.
8. Faça menos do que o que um ser humano pode fazer.
9. Defina suas próprias prioridades e decisões e julgue suas próprias necessidades.
10. Sinta-se bem.
11. Tenha sucesso, aproveite e divirta-se.
12. Privacidade.
13. Reciprocidade.
14. Exija a qualidade acordada.
15. Ser ouvido e levado a sério.
16. Peça informações e seja informado.
17. Decidir não ser assertivo.
18. Seja independente.
19. Supere até mesmo superando os outros.



SAIH | El Fondo de Asistencia Internacional
Con el apoyo de los Estudiantes y Académicos Noruegos



OFICINA V

CONSTRUINDO DEFINIÇÕES DE VIOLENCIA

OBJETIVO. - Conhecer a definição de violência dos estudantes.

DINAMICA I. Pedir aos estudantes uma definição de violência, utilizando a tempestade de ideias

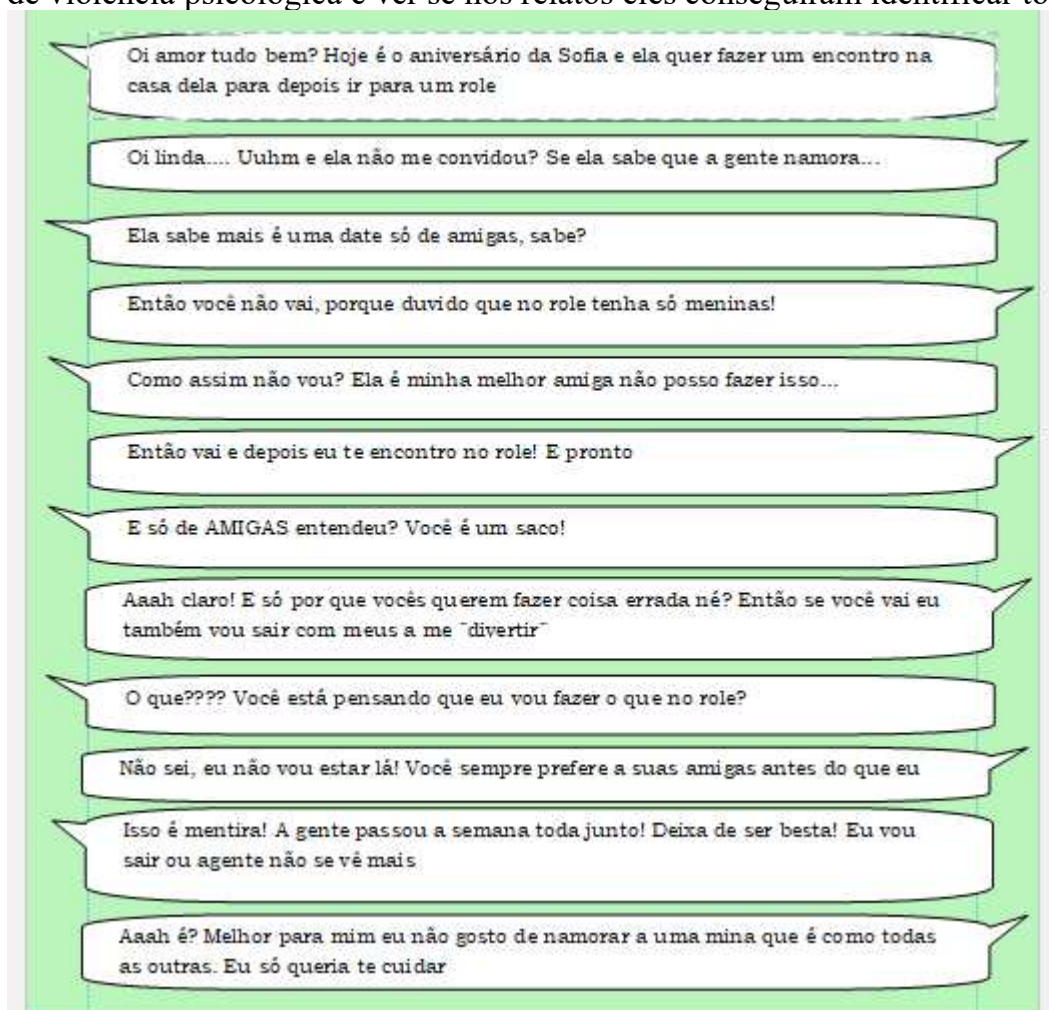
Posteriormente se pedira analisar essas palavras para em conjunto, estabelecer uma definição.

Posteriormente se analisará e comparará com a definição apresentada da lei maria da penha.

VIOLENCIA PSICOLÓGICA

OBJETIVO. - Identificar violências analisar o discurso da mensagem

DINÂMICA II. Compartilhar uma conversa de um casal que exerce a violência psicológica, pedir aos estudantes identificar essas violências, depois expor o conceito de violência psicológica e ver se nos relatos eles conseguiram identificar todos.



Identificar os casos que não foram considerados como violência e discutir sobre eles.

Sessão avaliativa, fechamento da sessão.

MANIFESTAÇÃO DE VIOLENCIA POR GENERO

OBJETIVO. - Identificar se as violências se manifestam de forma diferente por

gênero

DINAMICA III. Perguntar aos estudantes os tipos e manifestações de violência que se dão segundo o gênero falar sobre as diferenças.

	Masculino	Feminino
Violência psicológica		
Violência sexual		
Violência física		

DISCUTINDO ESTEREOTIPOS DE GENERO

MASCULINO

Por que o gênero justifica a violência?

Que significa ser homem socialmente?

Que significa ser homem para mim?

Que significa ser homem para meu pai?

Que significa ser homem para minha mãe?

Ser homem significa que eu posso exercer violência....

Eu concordo com que os homens são superiores as meninas por.....

FEMENINO

Por que o gênero justifica a violência?

Que significa ser mulher socialmente?

Que significa ser mulher para mim?

Que significa ser mulher para meu pai?

Que significa ser mulher para minha mãe?

Ser mulher significa que eu posso exercer violência....

Eu concordo com que as mulheres são superiores aos homens por.....

OFICINA VI

Perguntas:

- Como foi sua experiencia durante as oficinas?
- Como se sentiram durante as oficinas?
- Consideram que aprenderam coisas novas durante os encontros? O que?
- ¿Voces tem alguma sugestão?
- Participariam novamente?

Escrever uma carta para outra pessoa comentando como foi participar das oficinas e se voce recomendaria para ela participar

Apêndice 4 – Resumo do planejamento das oficinas

Quadro 1 -resumo do planejamento das oficinas com os adolescentes

Objetivo	Atividades realizadas e Materiais Utilizados	Número de participantes
Oficina 1 “Boas-Vindas Conhecer a turma, apresentação da proposta, atividades e contrato. Explorar a concepção que tem os adolescentes sobre relacionamentos amorosos.	DINAMICA I: a) Apresentação Como primeira aproximação a mestrandia se apresentou aos estudantes, utilizando um projetor (Nome; Nacionalidade; breve descrição da Bolívia e da minha cidade, La Paz, apresentação de fotos música, paisagens e comida típicas; breve descrição da minha vida e história.) Posteriormente pediu-se aos participantes se apresentar baixo os seguintes tópicos: Nome; Idade; Comida favorita; quem é você? b) Apresentação do trabalho como proposta inicial Se apresentou aos participantes os objetivos e tópicos das oficinas programadas: • Conhecer como se dão os relacionamentos entre parceiros íntimos; Falar sobre nossas experiências; Falemos sobre violência, tipos; Masculino? Feminino? Uma vez expostos estes itens perguntaram-se aos adolescentes: • O que vocês acham dos temas propostos? Vocês têm alguma sugestão? Vocês recomendariam outra temática? Gostariam de acrescentar ou eliminar alguma temática? Quais são suas expectativas? Estão de acordo com a proposta? Materiais. – Projetor DINAMICA II: Contrato entre pesquisadora e participantes Desenvolvimento. - • Especificar quanto tempo de duração terão os encontros; especificar que dias serão os encontros; Mencionar que serão atividades diferentes por cada encontro; Oferecer um espaço de bate-papo além dos encontros, caso algum adolescente necessite/solicite; Nossas regras de convivência (ética respeito, confidencialidade, confiança, no-julgamentos, pontualidade, não telefone, escuta). Posteriormente se perguntou se eles acrescentariam alguma regra; mencionar que	16

	as atividades podem ser grupais ou individuais. Pediu-se criatividade, cooperação e compromisso nas atividades; mencionou-se mencionou que eles dariam feedback e avaliação das atividades depois de cada encontro Materiais. – Projetor DINAMICA III: O que é um relacionamento? Desenvolvimento. - Estudo de caso: foram apresentados os resumos em formato de cenas dos filmes famosos da Disney (“A pequena Sereia”, “Aladin” e “A Bela e a Fera”), que tem como temática o romance e como protagonistas casais. A finalidade foi motivar aos estudantes a: (a) Definir os protagonistas nos seguintes aspectos: Atitudes, pensamentos e atos dentro da história de amor; (b) Definir o problema, quais são os fatores negativos e positivos das histórias contadas, desde sua percepção; (c) Que deveriam fazer as personagens?	
Oficina 2 “Eleição de parceiro através do tempo” Explorar o conceito da palavra “flerte” a fim de compreender a dinâmica atual dessa interação entre adolescentes	DINAMICA I: Flertando nos tempos da minha avó Desenvolvimento. - Se utilizou uma história inspirada no romance dos tempos antigos da geração dos avós. Posteriormente se perguntou aos participantes: • Vocês sabem que antes os romances eram desse jeito? • Já ouviram uma história parecida por parte dos seus avós ou outras pessoas, telenovelas etc.? • Na atualidade é assim? Sim, não, por quê? • Por que mudou tudo isso, que aconteceu? • Antigamente quem tinha que tomar a iniciativa para que rolhasse um namoro era o homem. Agora é assim? Sim, não, por quê? • Meu avô pediu namoro depois de flertar 5 meses com minha avó. Na atualidade os tempos serão diferentes o que vocês acham? • Quais eram os meios que esses adolescentes tinham para conhecer e namorar outras pessoas? • Quais são os meios que agora as pessoas usam para conhecer e namorar a uma pessoa? Materiais. – Folhas de papel. <u>DINAMICA II: Criando uma história</u>	13

	Desenvolvimento. - Pediu-se aos participantes a seguinte atividade: Imagina que daqui a uns 60 anos seu neto/a te pergunta "como você conheceu a minha /meu avó/avô? " O que você contaria a ele? Especificando: • Como se conheceram? Por qual meio? Quando? Onde? Como eram os encontros românticos? Materiais. - Canetas e papeis	
Oficina 3 "Autoconhecimento. Explorar o conceito de namoro que tem os adolescentes e indagar a dinâmica dos relacionamentos afetivos nas redes sociais "	DINAMICA I: O que procuramos hoje? Desenvolvimento. – A través de uma tempestade de ideias os participantes foram mencionando palavras relacionadas a "namoro". Depois pediu-se aos participantes que a partir dessas palavras mencionadas construam um conceito. Materiais. - Projetor, lousa da sala de aula, canetas e papeis DINAMICA II: O triângulo amoroso de Sternberg (1989) Desenvolvimento. – Mostrou-se a teoria de Sternberg (1989) que resgata que um relacionamento tem 3 componentes: Intimidade, compromisso e paixão. Posteriormente os adolescentes pensaram como esses componentes se vem ou não influenciados pelo uso das redes sociais em um relacionamento íntimo. Materiais. – Papel, canetas, projetor	8
Oficina 4 "Mitos e crenças" Explorar os mitos e crenças que conhecem os participantes para entender como esses ditados impactam na cognição, emoção e	DINAMICA I: O que se fala sobre isso? Desenvolvimento. – Se apresentou aos participantes os seguintes ditados: "Os opostos se atraem?" "Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher?" "A metade da minha laranja" "Você é minha alma gêmea" "Nós contra o mundo" "O amor tudo pode" "Só existe um amor da sua vida" Em seguida se perguntou: • Que significa para vocês esta frase?	8

comportamento do s participantes.	• Como influencia este dizer na escolha do parceir@? • Como influencia a dinâmica do relacionamento? É positivo ou negativo?	
--	--	--

Debater os direitos assertivos p ara entender como eles, são ou não vivenciados pelos adolescentes.	• Conhecem outros ditos? • Que opinam sobre isso? Materiais. – Projetor DINAMICA II: Quem sou eu?, Meus direitos Desenvolvimento. – Exposição de uma lista de direitos aos participantes e se promoveu debater sobre as ideias e vivencias pessoais em relação a esses direitos. Depois pediu-se para eles escreverem num papel quais direitos eles consideravam que cumpriam e quais não exercem Materiais. - Canetas, papel e projetor	
Oficina 5 “Construindo definições de violência” Indagar a definição e os conhecimentos em relação a violência	DINAMICA I: Construindo a definição de violência Desenvolvimento. – Através de uma tempestade de ideias pediu-se aos adolescentes mencionar palavras relacionadas à violência. Em seguida, os adolescentes construíram uma definição com as palavras expostas. DINAMICA II: Violência psicológica Desenvolvimento. - Apresentou-se um texto que simulava uma conversa de WhatsApp de um casal onde se pediu identificar que trechos que consideravam violência. Nesta conversa incluiu-se manifestações de violência psicológica ou verbal.	4
Oficina 6	DINAMICA I.	4
“Fechamento”. Concluir os encontros, conhecer as impressões opiniões dos participantes	Agradecimento A mestrandia agradeceu a participação aos adolescentes relatando um pouco das suas motivações para a pesquisa. Posteriormente se fez uma recapitulação dos encontros e o conteúdo que foi significativo para ela. Pediu-se que eles escreveram uma carta dirigida a outra pessoa comentando como foi sua experiência na participação das oficinas e se ela recomendaria format parte	

Anexo 1: Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE E ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS EM ADOLESCENTES

Pesquisador: Renata Fabiana Pegoraro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67967323.4.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.979.288

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº2003912.pdf e Projeto Detalhado (PROJETODETALHADO.docx), postados, respectivamente, em 14/03/2023 e 10/03/2023.

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como foco a violência entre parceiros íntimos adolescentes. Ele será desenvolvido para a elaboração de uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFU. Nos últimos tempos, a violência doméstica tornou-se um dos problemas mais importantes da sociedade atual, não só pela enorme magnitude do fenômeno, mas também pela gravidade das consequências pessoais e sociais que dele derivam como problema de saúde pública. O objetivo da presente pesquisa é conhecer a través de uma intervenção as características que envolvem os relacionamentos afetivos entre adolescentes com a finalidade de elaborar futuros modelos explicativos e assim desenhar programas de prevenção de violência entre parceiros íntimos.

METODOLOGIA

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

(A) Pesquisa/Estudo – abordagem qualitativa, de tipo intervenção amparada em perspectiva qualitativa. Este projeto tem um caráter construtivo-interpretativo que se apoia nos princípios da epistemologia qualitativa (González Rey, 1997; 1999; 2005): o caráter construtivo-interpretativo do processo de produção do conhecimento, a comunicação como espaço de produção da informação e o reconhecimento do singular como instância de produção de conhecimento científico. Nessa perspectiva, o nosso posicionamento metodológico se apresenta como um processo dialógico orientado ao envolvimento ativo dos participantes da pesquisa, condição essencial para que os sentidos subjetivos possam emergir no processo. Compreendemos que as oficinas tem potencial para promover o envolvimento dos adolescentes participantes no debate dos temas a serem apresentados. Defendemos uma perspectiva metodológica que parte de uma epistemologia da construção, e não da resposta. Assim, o sujeito participante da pesquisa é compreendido a partir de sua expressão aberta, autêntica, capaz de expressar seus desejos, necessidades e contradições, processos esses que não aparecem de forma direta na palavra, mas através de elementos indiretos que recebem significado pela interpretação do pesquisador. A pesquisa se baseia em uma relação dialógica orientada para a abertura de novos espaços de troca e reflexão que, pela sua autenticidade, envolver as emoções do sujeito, condição essencial para a emergência dos sentidos subjetivos (González Rey, 1997; 1999; 2005)..O pesquisador aparece envolvido em uma troca permanente de ideias com as pessoas que participam do projeto, convertendo o espaço da pesquisa em novo espaço social para os participantes (González Rey, 1997; 1999; 2005).

(B) Tamanho da amostra – 15 estudantes e 05 professores e diretores.

(C) Recrutamento e abordagem dos participantes – Participantes serão convidados para participar a direção da escola, professores e alunos matriculados entre 13 anos (completos) e 18 anos (incompletos).

(D) Local e instrumento de coleta de dados / Experimento – O local é uma escola Municipal que oferece ensino fundamental no período diurno e educação de jovens e adultos no período noturno na cidade de Uberlândia-MG.

Esta pesquisa será desenvolvida em duas etapas: Etapa 1: Entrevistas preliminares com diretor/a, professores e alunos com objetivo de entender o funcionamento da escola, o perfil do público-

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

alvo, e realizar aproximação com o vocabulário adolescente (tendo em vista que a mestrandia é estrangeira, entendeu-se que as entrevistas serão importantes para o planejamento e desenvolvimento de oficinas sem maiores dificuldades causadas pelo idioma). A primeira entrevista será com o diretor e, ao final, será solicitado que indique um professor ou professora que tenha disponibilidade para participar da entrevista sendo entrevistado. Este professor/ professora será convidado para ceder entrevista e indicará um colega docente para participar da pesquisa e um aluno/a. Deste modo, ocorrerá um conjunto de entrevista utilizando-se a técnica da bola de neve (Oliveira et al., 2021) Etapa 2: (B) Etapa 2: Planejamento e desenvolvimento das oficinas com adolescentes. No anexo "Planejamento e desenvolvimento das oficinas" encontram-se em detalhes a descrição de 8 encontros em formato de oficina que estão previstos para acontecerem com os adolescentes.

A duração de cada encontro deverá ser inferior a 90 minutos, acontecer em uma sala reservada da própria escola que garanta ventilação, privacidade e luz assim como contar com cadeiras e espaço suficientes para os pesquisadores e adolescentes.

(F) Metodologia de Análise de Dados - "As transcrições serão submetidas à Análise Temática, um método de reconhecimento e organização de padrões de conteúdo e significado em dados qualitativos. A análise temática produz conhecimento que toma a forma de temas, construídos a partir de códigos descritivos, que captam e compreendem os significados que caracterizam o fenômeno sobre a investigação. (Willig, 2013)."

(G) Desfecho Primário e Secundário - "Os resultados que se espera obter são semelhantes aos encontrados na literatura, prevalência de relacionamentos afetivos violentos, prevalência de violência verbal, minimização da violência por adolescentes do sexo feminino, além de assumir atos violentos como sinal de afeto".

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO - "a) Adolescentes, com a idade entre 13 anos completos e 18 anos incompletos que estejam regularmente matriculados na escola onde o estudo será desenvolvido. b) Diretor, ocupar o cargo de diretor da escola quando a coleta de dados ocorrer. c) Professores que trabalham na escola regularmente há 8 meses quando a coleta tiver início.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO - "Serão critérios de exclusão para diretores e professores estar em

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

período de férias ou licença na época de coleta de dados. Para os adolescentes se a pessoa tem um problema cognitivo ou questões de saúde que impeçam a participação ou compreensão sobre o tema de estudo."

CRONOGRAMA – Etapa de coleta de dados de 01/06/2023 a 01/07/2023.

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ \$ 1.980,00

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO - Planejar e implementar uma intervenção no formato de oficinas com adolescentes para a promoção de relações saudáveis entre parceiros e prevenção de violência.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS - • Mapear, junto a professores, diretores e alunos de uma escola pública os conhecimentos sua experiência com a temática da violência no contexto escolar e possíveis ações desenvolvidas no contexto escolar sobre o tema. • Analisar as características que envolvem os relacionamentos afetivos que estabelecem os adolescentes nesse contexto. • Avaliar os conhecimentos teóricos e práticos dos adolescentes em relação a estabelecimento de relacionamentos saudáveis antes e após da participação das oficinas. • Avaliar os conhecimentos dos adolescentes em relação a violência antes e após da participação das oficinas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS – "Os riscos consistem em possível constrangimento, sentimentos negativos por causa de se identificar com algumas problemáticas mais é possível minimizar esses efeitos com conversas e esclarecimentos de dúvidas com a pesquisadora. Além disso é garantido ao participante deixar de responder alguma questão feita pela pesquisadora ou interromper sua participação a qualquer momento. Outro risco é a possibilidade de identificação dos participantes-alvo do estudo e para minimizá-lo serão adotados nomes fictícios ou números para apresentação das participantes em relatórios e trabalhos originários desta pesquisa em eventos científicos. Além disso, as gravações em áudio permanecerão no computador pessoal das pesquisadoras, protegido por senhas, sem presença dos arquivos com as gravações em "nuvens".

BENEFÍCIOS - Os benefícios serão promover o empoderamento e participação ativa dos jovens sobre questões de saúde social, obter novos conhecimentos a traves de didáticas e debates,

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

promover o autoconhecimento para poder tomar decisões mais conscientes, conhecer novas teorias em relação a escolhas mais saudáveis promovendo o bem-estar na saúde mental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após a análise do CEP/UFU não foram encontradas pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos apresentados estão de acordo com as exigências do CEP/UFU.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise do CEP/UFU não foram observados óbices éticos nos documentos do estudo.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: AGOSTO/2024.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto;

c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, na íntegra, por ele assinado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) apresentando o seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2093912.pdf	14/03/2023 16:04:24		Aceito
Outros	anexoROTEIROSDEENTREVISTAcorreto.pdf	14/03/2023 16:02:57	Renata Fabiana Pegoraro	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISOECONFIDENCIALIDADEcorreta.pdf	14/03/2023 16:01:50	Renata Fabiana Pegoraro	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOassinada.pdf	14/03/2023 16:00:51	Renata Fabiana Pegoraro	Aceito
Outros	anexoTCLEDiretoresProfessores.docx	10/03/2023 20:15:52	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.docx	10/03/2023 20:11:41	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
Outros	DOCUMENTOCEMEPE.pdf	07/03/2023 17:32:40	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexoTCLEResponsaveisEntrevistas.docx	07/03/2023 17:31:00	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexoTCLEoFICINAS.docx	07/03/2023 17:30:40	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexoTermoAssentimentoOFICINAS.docx	07/03/2023 17:30:02	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexoTermoAssentimentoEntrevistas.docx	07/03/2023 17:29:46	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
Outros	anexoPLANEJAMENTOPARADESENVOLVIMENTODASOFICINAS.docx	07/03/2023 17:29:11	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
Outros	LINKPARALATTES.pdf	07/03/2023 17:26:34	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAOOPARTICIPANTE.pdf	07/03/2023 17:23:16	MARIANA ISABEL SAINZ BESERRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
 Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
 UF: MG Município: UBERLÂNDIA
 Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 5.979.288

Não

UBERLÂNDIA, 02 de Abril de 2023

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4131 E-mail: cep@propp.ufu.br